

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

— Estadista na Praia Grande! —
 Tal foi o brado que saudou o sr. Nilo Peçanha, quando encetou a administração de um Estado fallido, atrophiado em seus centros motores pela cruel lépra da politicagem, já então attenuada pelo solícito tratamento de Quintino Bocayuva, o grande augure da Republica.

Quando as redeas do governo passaram ás mãos daquelle moço, feito em escaramuças parlamentares, aureoleado por merecidos louros conquistados na tribuna, a protéria murmurou ironica como se se tratasse de uma dessas transacções indecentes que já passaram á ordem dos actos licitos, em virtude das quaes as olygarchias se estão perpetuando. Quintino Bocayuva elegêra seu filho espirital, o seu amado discipulo, o companheiro de campanhas, o amigo indefectivel em todos os transes de uma gloriosa peleja pelos idéaes da democracia.

Mas, a verdade, agóra demonstrada pelos factos, é que o Mestre querido descobrira, sob a coiraça do jovem paladino das incruentas campanhas da eloquencia, ridicularisada pelos incapazes, a pôlpa do administrador, do financeiro, não accorrentado á rotina, corajoso, cheio de energia para reduzir a cacos os velhos moldes e trilhar o caminho luminoso desbravado por idéas intuitivas, simples na execução, promissoras na efficacia, que jamais tiveram accesso dentro da dura cachola daquelles que, a pretexto de sectarismo conservador, administram, como remeiros, de costas voltadas para o fim que almejam.

Os nossos administradores são, em geral, refractarios á lição dos factos. Os insuccessos não o desilludem, as decepções não o desanimam, todos os sinistros de uma politica, que tem razizes nos tempos coloniaes; a historia nefasta das mesmas medidas de resultados negativos, dos mesmos planos de effeitos desastrosos não os demovem; elles têm, por timidez ou incapacidade, verdadeiro terror ás innovações.

Poder-se-ia comparar a administração das coisas publicas a um carun-

choso bonde, sobre velhos trilhos enferrujados, puchado por tracção animal, porque o conductor se apavóra ante os prodigios da electricidade. Mudam-se os burros por estropiados ou cansados, mas não se muda o vehiculo; ficam os mesmos trilhos, a mesma linha, a mesma orientação, embóra seja evidente, como a luz do dia, que o trafego vicioso explorou, empobreceu, esterilizou a região do percurso, de sorte que a receita não dá mais com que cobrir a despeza.

Os recursos unicos, que se antolham ao conductor para reparar o desastre do *deficit*, é pedir dinheiro emprestado, augmentar o preço das passagens, a tarifa das cargas; mas, como isto prodúz inevitavel augmento de despeza e diminuição da concurrencia de passageiros e de carga, elle verifica, com pasmo infantil, que a empreza abeira as aréostas da fallencia, que só poderá evitar, carregando ainda mais a mão nas tarifas, embóra ellas attingam o funesto limite da prohibição.

Depois, muito convencido desses absurdos processos de inepecia, demonstram com phrases commovedoras, com cifras, sisudamente alinhadas em columnas de marcha forçada regressiva, que a região não presta para nada, que os habitantes são uns malandros impenitentes, preguiçosos, incapazes de se assimilarem ás conquistas da sciencia e do progresso.

E' este o aspecto de nossas leis, principalmente as orçamentarias, onde ser effecte, com uma nitida intensidade, a situação do paiz, de setenta e dois annos para cá.

Dir-se-ia que os nossos estadistas conduzem a náu do Estado, guiados, em vez de bussola, por destróços de naufragios, attestando a incapacidade dos navegantes precedentes naquelle roteiro funesto, que, todavia, não os impelle a procurar outro caminho na planicie do immenso oceano, livre de rochedos traidores.

O sr. Nilo Peçanha abandonou o velho trilho carcomido, enveredou por novos caminhos e, com perfeita noção dos males e suas causas, empregou meios simples e velhos, processos fecundos, preconizados pelas theorias e pelos resultados desde o pae Adam Smith até aos economistas contemporaneos.

O Estado do Rio tapava com empréstimos, com impostos oppressivos,

os seus *deficit* chronicos: era intuitiva a diminuição da despeza, augmentada, enormemente, por aventuras sumptuarias, ou por demasiada confiança na riqueza publica; era indispensavel o augmento da receita, o que equivalia, no pensar dos carrancistas, a pedir movimento a um mecanismo desaranjado, vida a um corpo moribundo, que só poderia ser preservado da decomposição imminente por um milagre da divina Providencia.

● Pois o sr. Nilo Peçanha, sem pretenções a instrumento de Deus, na Praia Grande, fez o milagre.

O processo foi simples, foi banal. Mas, o estadista, já illustre, necessitou ter cabellos no coração, reprimir os éstos sentimentaes de seu meigo coração, para cortar, largamente, cruelmente, na grande massa de funcionarios inuteis, no queijo das despezas improductivas; podou, sem piedade, as excrescencias ramalhudas da venenosa vegetação da politicagem.

Não lhe custou menos esforço cortar as unhas das municipalidades, o abutre que está mais perto do contribuinte, diminuir as taxas da exportação, substituindo-lhes as exorbitancias por uma leve contribuição sobre a terra, os latifundios esterilizados, onerando a preguiça e desafogando o trabalho, e debellando o inimigo mais temivel—a carestia dos meios de transporte, as tarifas prohibitivas.

Os resultados dessa politica estão brilhantemente demonstrados numa simples noticia do *O Paiz*, de 9 do corrente:

« A estatistica, que abrange, por emquanto, certos productos exportados de janeiro a setembro, pela Central e pela Leopoldina, fornece os seguintes dados:

	1903	1904
Arroz.	630	8.603 saccos
Farinha.	12.941	215.087 »
Feijão...	3.295	16.666 »
Milho..	142.909	421.867 »
Toucinho e carnes preparadas.	109.674	335.349 kilos
Aves e ovos...	1.160.636	1.519.569 »

Éra inevitavel. Diminuiram os impostos, o preço dos meios de transporte; e o trabalho, livre de peias, augmentou fecundo, produzindo em proporções assombrosas. O mechanismo entrou a funcionar sem attrictos. O corpo de-pauperado erguen-se cheio de vigor. O Estado do Rio se restaura dos erros que o esterilizaram, e encéta uma nova éra de franca prosperidade.

O processo desse milagre, que nada tem de sobrenatural — diminuir taxas para augmentar rendas — já tem cabellos brancos: a elle se devem os prodigios financeiros de Robert Peel e Huskisson, os constructores da grandeza, da soberania commercial da Inglaterra.

— « Os governos do continente — dizia Huskisson — não sabem quanto é sábia e commoda a politica de augmentar as rendas publicas pela redução das taxas e quanto ganhariam se deixassem aos povos mais franqueza para commerciareem com os seus vizinhos. »

No espaço de quatro annos, de 1842 a 1846, Robert Peel reduziu sucessivamente taxas e impostos na proporção de sete e meio milhões de libras e, todavia, pôde annunciar aos seus eleitores Tamworth que a renda ordinaria do anno acabado a 5 de julho de 1847 excedêra, consideravelmente, (derivada das mesmas fontes) á do anno financeiro que precedêra á sua ascensão ao poder.

Não cabem nesta chronica os eloquentes algarismos representando as extraordinarias vantagens da politica de R. Peel, que foi apedrejado pelos carrancistas com toda a ordem de apôdos, e até de maluco, quando a iniciou na mais tremenda crise que, jamais, flagellou a Grã Bretanha.

— Absurdo! — gritariam se o governo da Republica propuzesse uma diminuição das taxas postaes, das tarifas dos caminhos de ferro, dos direitos aduaneiros sobre a grande massa de artigos de importação, que constituem o maior factor da arrecadação respectiva. Seria, entretanto, esse o meio infallivel de augmentar a renda, porque da diminuição das taxas resultaria augmento do consumo e, o que é mais importante, o allivio do contribuinte, o burro que, conforme a opinião de Philippe II, de negregada memoria, devia ser sobrecarregado para não escoucear.

Não nos móve o intuito de fazer alusões ou talhar carapuças. De resto, não seriamos responsaveis pelo tamanho, conformação e miôlo das cabeças em que ellas ficaram a matar. O nosso empenho se redúz a registar os sucessos do sr. Nilo Peçanha, como lição proveitosa.

POJUCAN

SI VIS PACEM PARA PACEM

Por ser antiga e romana, não é menos tôla e falsa aquella safada sentença, do *Si vis pacem para bellum* como são tantas outras que não têm por si senão a sua longinqua ou remota origem.

Antes que Roma se houvesse lançado ás aventuras da conquista, ao que chamamos hoje imperialismo, deu ao mundo um rarissimo exemplo de virtudes domesticas e civicas, e foi verdadeiramente feliz e próspera, sem ser forte. A sua decadencia, tão grande como a sua grandeza, começou, verificam-no todos os seus historiadores, com as suas empresas militares e conquistadoras, pôde-se assegurar com a criação do seu exercito. Emquanto soube limitar-se á sua porção do Latio, ao seu *ager romanum*, e fôram seus soldados e officiaes os seus cidadãos, que, como Cincinato, ainda victoriosos, abandonavam a espada triumphante pelo arado laborioso, a cidade romana, dando a essa palavra a sua significação latina e historica — é um dos factos mais gloriosos da historia humana. O espirito de conquista do mesmo passo que militarizou Roma, desmoralizou os seus costumes domesticos e civis e, desenvolvendo-se, creou o typo da civilização militar, aparelhando a preponderancia, sempre funesta dos generaes (e mesmo dos coroneis) as guerras civis, a destruição da Republica, a anarchia e a dictadura militar, o advento do imperio baseado nos batalhões, a guerra constante, e por fim a mesma invasão e victoria dos barbaros — a que todo aquelle militarismo, com todas as suas bravatas, não soube resistir.

Foi certamente nesse periodo, quando a victoria de hoje creava e impunha a necessidade de guerrear amanha, que algum ambicioso — pois Roma é a terra do militar-politico, salvador da patria — sabeudo como se enganam os povos com palavras, inventou a formula irrational do *Si vis pacem para bellum*.

E depois d'elle, politicos e militares ambiciosos, ou ambos misturados, em procura de lisongear vaidades nacionaes ou favonear preconceitos patrioticos e darem-se como salvadores da republica, não deixaram passar ensejo de repetil-a a proposito e até fóra de proposito.

A sua forma, de uma belleza lapidar, e o seu mesmo vasio faziam-na bem aceita; e a sua enfadonha repetição, longe de lhe prejudicar o curso, o favorecia.

Um dos entes mais odiosos que a humanidade já produziu, mas cujo detestavel nome não pôde ser esquecido nesta contenda, Napoleão, gostava de

dizer que a melhor figura de rethorica é a repetição.

O vulgo se não fatiga com ella, antes aceita-a como um criterio de verdade. Roma viu insensivel — o povo romano nunca brilhou pela intelligencia — que ao contrario das guerras provaveis ou possiveis lhe determinarem o armamento, era quando se elle armava, por influencia e sob a acção de algum general, que lhe surgiam as guerras. E assim foi sempre, em toda a historia, como evidentemente resulta, ainda da sua mais perfunctoria leitura.

Exemplo frisantissimo a esta quasi verdadice é o desse mesmo Napoleão, que viveu preparando a França para a guerra e fazendo-a, sempre, ao envêz justamente do preceito romano. E na historia da vida desse grande matador, nenhum caso mais proprio a illustrar o nosso conceito, que o da guerra contra a Austria e a Russia, em 1805.

Gorára, por completo, a empresa louca do ataque á Inglaterra, « expedição por tal modo chimerica, escreve um historiador francez, como quasi todos elles, entusiasta do monstro, que se duvidou si Napoleão não teria antes querido fazer á Inglaterra uma falsa ameaça de desembarque. »

E o mesmo auctor se pergunta « como um unico soldado do Grande Exercito poderia ter sahído do sólo britanico? »

O « genio » tinha muitas destas fallhas, indesculpaveis em generaes de segunda ordem. Mas, a « Grande Armée » que devia invadir e submeter a Inglaterra, estava preparada e sem emprego alli naquelle Campo de Boulogne onde o comediante dêra um grande espectáculo inutil aos seus soldados; affeiçoando-os para a carnificina proxima. Era preciso empregar essa força que a victoria de Nelson, em Trafalgar, principalmente tornára sem objectivo.

E ahi nesse Campo de Boulogne, Napoleão que comprehende não pôdem ficar inactivos e desoccupados esses 120 mil homens armados em guerra, e não queria, diz o mesmo historiador, ficar com o ridiculo do abôrto dos seus formidaveis preparativos contra a Inglaterra, e precisava erguer o seu prestígio e o de seu exercito, o mais bello, o melhor adestrado que jamais se viu, e empregal-o em novas campanhas, resolveu e planejou a guerra á Austria e á Russia, e immediatamente a fez. Magnifico exemplo da exactidão do *Si vis pacem para bellum*.

O contrario, porém, demonstra-o a historia, demonstra a sociologia, demonstral-o-ia, bein consultada, a mesma biologia, é que é verdade: *si vis pacem para pacem*.

Um exercito é um orgão, cuja função é a guerra.

Todo o orgão tende instinctiva-

mente a exercer as suas funcções, e si não as exerce se atrophia.

Um exercito é mais um órgão consciente, que sabe a sua força e aprecia os meios de empregal-a.

Só este facto o torna, em cada paiz, o partido da guerra: é a sua funcção e seria contra a natureza querer que elle consentisse de boa mente em não exercel-a e, portanto, em atrophiar-se.

Que creou na Europa, desde os annos de 60, o estado de guerra latente, o estado de paz armada, segundo o euphemismo, em que ella, de então para cá, vive, sinão os grandes armamentos do reino militar da Prussia? E era acaso a paz que preparavam com esses armamentos os Guilhermes 1^{os}, os Bismarcks, os von Roons e os Moltkes?

Não precisamos siquer responder; os factos são de hontem, e eloquentissimos.

Não, si eu quero viver bem com meu visinho não encho minha casa de capangas, nem me armo; trato-o bem, com a cortezia a que elle tem jús, respeito-o e lh'o próvo com meus actos.

Podemos levar o simile ás nações: para haver paz entre ellas é preciso que todas, com o mesmo espirito de fraternidade humana, procedam, uma em relação ás outras, com o mesmo animo de respeito mutuo, de reciproca benevolencia e a mesma intenção de viverem em boas relações. Emfim, que esse indefinido espirito christão—tão falado e tão pouco realizado—e que sob a sua forma moderna é o espirito da solidariedade humana vingue difinitivamente no mundo, triumphando de todos os preconceitos de raça, de patria, de nacionalidade, de religião que ainda lhe são impecilhos.

Eu creio piamente no seu triumpho—e de todo o coração o desejo.

JOSÉ VERISSIMO

PAGINAS ESQUECIDAS

UM TOUCADO

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a mãe ordena
Que o furtado colchão, fôfo, e de penna,
A filha o ponha allí, ou a criada.

A filha, moça esbelta e aperaltada,
Lhe diz co'a dóce voz, que o ar serena:
« Sumiu-se-lhe um colchão?! E' forte pena;
Olhe não fique a casa arruinada ».

« Tu respondes-me assim? tu zombas d'isto?
Tu cuidas que, por ter pae embarcado,
Já a mãe não tem mãos? » E' dizendo isto.

Arremette-lhe á cara, e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sáe-lhe o colchão de dentro do toucado.

NICOLAU TOLENTINO

AMIGOS DO MEU

Quando alguém tem pão em sua casa, tem tambem em sua casa amigos.

Esta casta de amigos, não meus, senão do meu, têm varias semelhanças que declaram mais a sua falsidade. Uns disseram que se pareciam com os golfinhos, que acompanham festivamente aos meninos, que andam nadando, emquanto ha bastante agua onde elles possam nadar tambem; mas, tanto que esta falta, se retiram ao alto, porque não querem nadar em sêco.

Outros os comparam ao corvo, que tornou para a arca em companhia de Noé, só emquanto não achou cadaveres que comer, porque o diluvio estava ainda sobre a terra.

Outros os comparam ao azougue, que se pega muito ao oiro, onde quer que lhe dá o faro delle; mas, se o mettem no fogo, em um momento vóa. Ha hoje muitos amigos azougados que, no tempo do fogo da tribulação, logo fogem.

Outros os assemelham ás formigas, que nunca andam pelos celleiros vazios.

PADRE MANOEL BERNARDES

* * *

BANQUETES BARBAROS

Uma orgia bestial—eis o que é a alimentação nas zonas periphericas onde habitam os homens infimos. Burchel viu os boschimanos amontoados sobre o cadaver de um hippopotamo, rasgando-lhe o ventre e devorando-lhe as entranhas crúas, como cães.

O australio, quando uma baleia naufrága na costa, accende fogueiras nos altos para chamar os companheiros ao banquete. Pouco a pouco, vêm chegando homens, mulheres, creanças, dando gritos de alegria, com tregeitos e momices. Amontoavam-se, pisavam-se, precipitavam-se; as creanças com o olhar acceso insinuam-se de rastos por entre os joelhos dos paes; e, num instante, a montanha gordurosa apparece, coalhada de gente, como o cadaver de um cão inchado, cuspidado na praia pelo mar, coberto de moscas negras. Um vago sussurro, um zumbir de mastigação incessante. As banhas do cetáceo, em pastas molles, esbranquiçadas, correm dissolvendo-se ao calor das fogueiras e da gente ansiosamente faminta. Ha quedas; e a pelle negra dos selvagens vê-se escorrendo uma gordura fétida; os cabellos estão ensopados, as mãos, os braços tintos de sangue e oleos.

Précipites sobre a carcassa, com a bocca escancarada, devoram, ás dentadas, introduzindo a cabeça por entre as visceras quentes. A orgia dura dias e noites, sem cessar, emquanto dura a

comida. Por fim, o esqueleto apparece com os ossos nús, e dentro das linhas do arcabouço, como cavernas de um navio, os que não dormem já bebedos de comer, disputam, iuctandó, os ultimos pedaços de carne. Ha cadaveres e sangue de homens misturados com as poças coaguladas do sangue e da gordura do cetáceo; ha vomitos e immundicie, resomnar de digestões dificeis, um fumo espesso das banhas ardendo nas fogueiras, e um fétido nauseabundo de coisas podres.

Nos confins austraes da America, o pecherez tambem assim procede, se um acaso mais raro lança uma balcia contra as rocas da Terra do Fogo; mas o seu alimento habitual são os mariscos e os pequenos peixes que devóra vivos e inteiros. Mira-os; com o dentre vigoroso trinca a cabeça, e engole-os. Assim faz tambem aos passaros. E sobre os yeados marinhos, em companhia dos cães domesticos, come tambem, ás dentadas, as carnes crúas. A lembrança de applicar o fogo á preparação dos alinrentos é-lhes tão desconhecida, como aos eskimós dos confins oppostos da America, nas zonas boreaes.

Nas regiões desoladas do frio, o eskimó tem o furor da fome e da sêde. O inverno é morto e duro. Desesperados, comem, a pedaços, o gelo que arde como lume na lingua, e deixa a bocca escorrendo em sangue. Pequenos immundos, bestiaes, com os beiços abertos, a lingua inchada, offegantes como cães, assim morrem muitos de sêde no meio da agua gelada que os cerca. Bebem sangue quando o têm; o frio augmenta-lhes a voracidade. Caçam a phoca, o narval e a baleia. Quando o sol reaparece, a crise diminúe: vêm os dias da fartura. O explorador Ross assistiu a um banquete eskimó: era um boi abatido nesse instante. Em torno do animal, a familia eskimó, com facas de pedra, tirava talhadas das carnes ainda quentes, e engolia vorazmente. Paravam, a miudo, para respirar, com a larga fatia de carne pendente da bocca, escorrendo sangue e sôros. Estonteados, como bebedos, cahiam, adormeciam com a cara rubra, o pulso rapido, com a bocca escancarada. Por fim, de rastos, na impossibilidade de se moverem, ainda, acoradas ao lado, as mulheres lhes mettiã a carne pela bocca, empurrando-a com os dedos; mas a guéla e os dentes, de cançados, não podiam mais; a mulher ia roendo do lado opposto a talhada de carne parada e presa na garganta do dormente. Com um resómno agitado, grunhidos de plenitude, dormitando, os olhos fechados, o sangue, as gorduras escorrendo-lhe dos beiços pela face e pelo peito, o eskimó digerira.

OLIVEIRA MARTINS

OS LATIDOS

A' sobrezeza de um banquete, em Portugal, escreveu-se o seguinte num leque de setim côr de ouro, ornado de uma aguarella representando um grupo de cinco cães, e sobre os quaes estava escripto: OS AUCTORES.

I

Quem muito ladra, pouco aprende. — Anthero de Quental.

II

Escriptor que ladra não morde. — Oliveira Martins.

III

Dentada de critico cura-se com pêllo do mesmo critico. — Ramalho Ortigão.

IV

Cão lyricô ladra á lua; cão philosopho aboca o melhor osso. — Eça de Queiroz.

V

Cão de letras — Cachorro! Guerra Junqueiro.

ENVOI

*São cinco cães, sentinellas
De bronze e papel almasso,
De bronze para as caellas,
De papel para o regaço.*

(Assignado) *A matilha.*

A CASA DO CORAÇÃO

O coração tem dois quartos :
Nelles moram, sem se ver,
Num a Dôr, noutro o Prazer.

Quando o Prazer, no seu quarto,
Acorda cheio de ardor,
No seu adormece a Dôr.

Cuidado, Prazer! cautela...
Falla e ri mais devagar,
Não vás a Dôr acordar! ..

ANTHERO DE QUENTAL.

* * *

TELEGRAMMA DO SR. LAURO SODRÉ AO MARECHAL FLORIANO, EXPEDIDO DE BELÉM DO PARÁ, EM 11 DE SETEMBRO DE 1893.

Todos os corações, sinceramente patrióticos, continuavam aneando o desenlace da crise grave, que atravessa a Republica, fazendo votos ardentes para que consiga ella consolidar-se pela victoria da constituição e sabias leis democraticas, que regentam nossos destinos. Confiamos no tino, prudencia, firmeza e patriotismo acendrado do benemerito marechal Floriano Peixoto, esperando confiantes que será dominada a revolta acêsa *por uns poucos brasileiros esquecidos dos sagrados deveres impostos pela religião e amor da patria.* O Estado do Pará continúa em paz. Espero que não será perturbada a ordem, *graças aos sentimentos bons do povo paraense e á correção e conducta dos officiaes da armada, aqui estacionados, e disciplina dos corpos da guarnição federal e estadual.*

LAURO SODRÉ

Um prologo de Medeiros e Albuquerque

I

Boleslau Prus, no *Pharaó*, bellissima reconstrucção romantica do Egypto de Ramsés XIII, pinta este joven soberano, depois de uma grande batalha, parado diante da Esphinge, a meditar.

Ramsés XIII agita-se. Afôga-o a angustia do futuro. Não é o mysterio que o sossobra, mas o symbolismo infernal, que a arte sagaz dos sacerdotes do Nilo havia posto na face immobilizada daquelle enigmatico monstro de pedra. Impressiona-o horrivelmente esse vulto estranho, que não é homem nem quadrupede, nem rochedo, e que, apesar disso, se impõe como um ser real pela fusão extraordinaria de todas essas qualidades contradictorias.

Que intenção haviam tido os padres egypciacos, quando fizeram fixar no granito o eterno e clandestino sorriso, que voêja no semblante da Esphinge e penetra até ás raizes da alma de quem a encára? Porque sorria o monstro com esse mesmo sorriso, que não o desertava, quer Typhon flagellasse o valle do immenso rio com os seus cavallos de fogo, quer as aguas das inundações apojassem as terras baixas, enchendo-as de fertilidade e de contentamento?

O olhar sinistro, numa alegria opaca e cristalizada, defluia do rosto do animal, que nunca conhecêra as tristezas do nada da vida humana, nem pestanejára commovido diante das inconcebiveis miserias dos povos ribeirinhos. A Esphinge sorria do mesmo feitio para as dezenove dynastias reaes, que haviam passado por aquellas regiões, e que consecutivamente se abysmaram nos areiaes, á sombra das pyramides; e mostrava-se tanto mais pavorosa, quanto o seu rosto humano era cheio de doçura e os seus seios de mulher offerciam aos transeuntes a serena sensualidade do regaço maternal.

Piedade ou calma de um immortal? Nada disto.

O que alli se vê é o sarcasmo eterno! No silencio pneumatico, que evolve o monstro, ha um pavôr colossal, que transpõe os horisontes da vida conhecida. Peior do que o homem, porque tem corpo de leão; peior do que o felino, porque tem cabeça de homem; peior do que a rocha, porque na sua rigidez, occulta uma vida mysteriosa, essa creatura satanica confunde o espectador e acaba por atiral-o, através do infinito, nos abysmos insondaveis da incondicionalidade do pensamento. Nem crueldade, nem ironia; talvez a resignação melancolica de uma divindade, que não conseguiu explicar-se aos homens.

A sciencia, ou antes a curiosidade humana, em presença dos phenomenos naturaes, parece-me bem com esse rei egypcio que pretendia interpretar o sorriso petrificado da Esphinge, movimento esse tão sacrilego como seria insensato o de tentar erguer o véo com que a jurisprudencia sacerdotal cobrira a deusa Isis.

Naquelles tempos, o egypcio parava diante da estatua, reverente, não raro assombrado, sempre confuso. Hoje, turistas inglezes sobem á cabeça do monstro, e, sem o minimo respeito, arrancam-lhe fragmentos para enriquecer as suas collecções de archeologos amadores.

Tambem naquellas éras, e ainda noutras, menos remotas, phenomenos como a electricidade, fulminavam de medo a massa dos ignorantes, e eram convertidas logo em divindades malfazejas. Hoje, porém, qualquer garôto, em Londres ou New-York, cavalga essa mesma electricidade, reduzida a commodo vehiculo ou a ginête docil, dirige-a para onde quer e bem lhe apraz; e a força bravia, agóra domesticada, obedece ao motorneiro, que não é mais nenhum bonzo, nem sinistro alchimista, e offerece-se mansa, pacifica, diligente, aos mais comeseinhos mistéres da vida quotidiana das cidades e dos campos.

Que importa que esse elemento, em si, continúe a ser esphinge para todos nós, si nos familiarisamos com elle?

Que mais temerosa esphinge do que essa força que em nós mesmos se agita e constitúe a nossa alma, a nossa propria personalidade? A alma que sentimos vibrar, de continuo, na voz, na palavra, no olhar, nas energias da vontade, nas relações da imaginação, na contenção da memoria, na penetração philosophica, nos prodigios da arte, de onde vem? como se produz?

E, todavia, quando se falla em estender estas forças; quando se pensa em dilatal-as um pouco além dos confins da vida conhecida, eis de novo o homem apavorado. A sciencia recalcitra; o espiritismo inventa o microbio psychico.

De nada valem as maravilhas da existencia. Estamos acordados? Os mosquitos zumbem-nos aos ouvidos. Esquecemos a belleza dessa machina microscopica, desse syphon alado, que nos injecta nas veias o veneno da febre amarella e nos rouba o sangue, sugando-o como a mais perfeita bomba hydraulica; e com um golpe digital o esmagamos. Adormecemos? sonhamos? O universo se transforma. Porque? Porque penetramos uma polegada na região obscura, para o lado nocturno da natureza que nos circunda.

E logo ergue-se o espectro da sciencia occulta, dando á vida motores diferentes daquelles que nos fazem

vêr, ouvir, sentir, querer, amar e obedecer ás leis que regulam a existencia humana.

Taes as considerações, que em meu espirito ia produzindo a leitura do prólogo de Medeiros e Albuquerque ao livro de Alberto Costa, *Phenomenos psychicos occultos*, publicado pela casa Garnier, quando os meus olhos cahiram sobre as singulares palavras: «*toda a idéa tende a realizar-se*».

Esta simples phrase, aliás empregada naquelle prólogo sem a menor preocupação metaphisica, fez-me, de subito, transpôr o mundo da philosophia e cahir estatelado na região do phantastico raciocinante de Edgard Poë. Lembrei-me, então, de uma passagem característica do *Eureka*, a mais philosophica das obras do excêntrico escriptor americano.

«E' obvio que o cerebro humano não pôde agir sem apoiar-se nessa sensação que se chama *Infinito*, nem deixar de seguir o phantasma da idéa.» Mas, tambem é certo, accrescenta o phantasia, que não temos o direito de affirmar ou de deixar de inferir a existencia de uma interminavel successão de mundos, de universos, mais ou menos semelhantes — *clusters of clusters*. Todavia, si taes mundos se succedem, é bem provavel que o material de que elles porventura são construidos, não possa impressionar os nossos sentidos, as nossas capacidades psychicas, e dahi o limite da nossa intelligencia.

Cada um destes mundos existirá, á parte e independentemente, *in the bosom of its proper and particular God*? Quem nos diz, que a sua influencia não se manifestará ainda um dia pela interpenetração das actividades, que nestes centros conseguiram differenciar-se?

Edgard Poë preocupava-se com a myriada dos systemas solares; com a diffusão infinita da poeira das estrellas. Os psychologistas, porém, não sentem a necessidade de acompanhá-lo nessa digressão phantastica. Cingem-se a estudar a irradiação da força psychica, ou antes, como diria Pascal, procuram augmentar os pontos de contacto da intelligencia com a esphera infinita que a circumda.

Dahi o campo intermino do desenvolvimento da sciencia e a sua segurança diante das possibilidades do universo. Tudo é realisavel, com tanto que condicionavel ao pensamento humano. São, pois, dispensaveis as explicações extra-naturaes. O sobrenatural não existe para o philosopho.

Não ha perigo, assim, de que ao pensador moderno succeda o mesmo que succedeu a Ivan Karamazoff, o estranho personagem descripto por Dostoiewski. Admittida a possibilidade do augmento daquelles pontos de contacto, não ha mais razão para

confundil-os com a influencia de forças contrarias ou divergentes da natureza conhecida. Elle não tomará as impressões do *novo*, que se ergueu das profundezas da propria alma, como expressão concreta do DIABO.

Si, portanto, o diabo um dia appareceu na historia da humanidade e *evangelisou* as multidões com a sua presença, segundo um systema inteiro de existencias espectraes, não o fez sinão porque o homem não só possúe uma imaginação capaz de concebê-lo, mas tambem porque esse homem é dotado de força interna sufficiente para projectá-lo fóra da consciencia e dar-lhe uma especie de existencia no ambiente. Realizar esse phenomeno, consciente ou inconscientemente, constitúe outra questão. O homem é um constructor de deuses. E parece que o seu poder nesta especie conseguiu fazer-se senhor não só na transformação dos astros e dos sonhos nocturnos em mythos, mais ainda na sua cristallisação no espaço em figuras sem alma mas nem por isso menos verdadeiras.

Medeiros e Albuquerque, por ora, procura subordinar este facto á uma lei, formulada nestes termos: *Toda idéa tende a realizar-se*.

Como? pergunta o critico. «Não sabemos, responde elle. Mas si a idéa é uma força capaz de mover um dedo, no organismo de quem a produziu; capaz de produzir qualquer alteração physiologica; capaz de agir sobre a evolução do embrião no ventre materno; capaz de forçar, por suggestão mental, outro individuo a proceder de determinado modo: não ha motivo para resistir á possibilidade de que essa mesma força se materialise objectiva e realmente no espaço, em corpos tangiveis, corpos com as propriedades de todos os outros».

Por mais ardua que pareça essa hypothese, ella não repugna ao conceito que formam os psychologos modernos da actividade mental tal qual a vêem desenvolver-se no organismo humano. Essa hypothese pôde muito bem estar contida em novos ou futuros contactos da esphera dessa actividade com o mudo infinito circumjacente.

A primeira objecção que se offerece, entretanto, é de que semelhantes materialisações da idéa constituiriam uma verdadeira criação. A objecção é formidavel, maxime quando se attende ao principio de que na natureza nada se augmenta, nada se perde. E Medeiros e Albuquerque não desconhece semelhante difficuldade quando affirma a efficacia daquella lei.

«Seria preciso admittir a criação da materia, diz elle. E perguntam os incredulos anciosos: *Como se explicaria o facto de um medium fazer apparecer um corpo real, um corpo palpavel?* Antes de mais nada, cumpre arredar a pergunta. Não é possivel neste mo-

mento ter a pretensão de explicar *como* os factos se passam. Que elles são reaes, não ha duvida. Alguns espiritistas, entre outros Aksakoff, cujo livro é talvez o melhor trabalho de defeza da doutrina que abraça, são forçados a convir que muitas materialisações são produzidas por idéas que elle objectiva inconscientemente. Como? Ninguem o pôde dizer. Mas *como* se faz a realização de uma idéa da mãe no organismo do feto? *Como* se faz uma suggestão mental? *Como* se consegue uma vesicção suggestiva? *Como* se obtem um movimento voluntario? Tudo isto é ainda mysterio. Nada vale illudirmo-nos com palavras e dizer que nestes casos os factos se explicam pela transmissão de vibrações. Nada vale lembrar, como uma simples comparação, ao tratar da suggestão mental, o que succede com o telegrapho sem fio. São vagas analogias, que não explicam coisa alguma. Devéras, ninguem sabe nada. E' tão espantoso vêr o movimento voluntario de um dedo, como a apparição de um phantasma materializado?» (1)

Realmente, para quem reflecte um pouco sobre o mysterio da vida, não ha milagre maior do que o da percepção do Universo e da força da vontade — a visão de macrocosmo no microcosmo humano, e consecutiva acção e reacção. A continuidade dos phenomenos e o seu desdobramento através da actividade cerebral são coisas sobre as quaes têm esbarrado todas as explicações tentadas desde os Eleatas até os mais geniaes especuladores dos tempos modernos.

Ibi vivimus. E é o mais que pôde affirmar a philosophia.

Comtudo, como dizia Montaigne, «*l'homme va béant après les choses futures*»; esse movimento penetra-o cada vez mais, do desejo de enredar-se na decifração das coisas e o tráz em continuo sobresalto diante dos muros, que lhe fecham occasionalmente a interpretação dos factos.

Não lhe basta a theoria mecanica do Universo; e a sua razão, acaso embalada pelas leis de Newton e de Keppler, surge de repente espavorida, quando se lhe tenta explicar em como o movimento transformou-se em pensamento e vice-versa.

ARARIPE JUNIOR

SCIENCIA E INDUSTRIA

CONSERVAÇÃO DA BATATA

Para conservar a batata ingleza, durante muitos mezes, devem-se, a principio, escolher todas as que estiverem

(1) *Phenomenos psychicos occultos*. Prefacio, pag. LVII.

perfeitamente sãs, e deposital-as sobre grades feitas de taquára ou bambú em um quarto, tendo o cuidado de evitar que os tubérculos se toquem. Em seguida, fecha-se, o mais possível, o quarto e accende-se fogo onde se collocam ramos verdes de modo a fazer muita fumaça. Conserva-se o quarto assim enfumaçado durante 4 ou 5 dias, fazendo de novo o fogo sempre que fôr necessario.

Tomam-se os tubérculos um a um, e collocam-se em uma caixa contendo palha miúda, tendo ainda o cuidado de fazer que elles ahi fiquem isolados. Faz-se uma segunda camada sobre a primeira, e assim por diante, até que a caixa fique cheia e coberta de uma ultima camada de palha. A caixa é então fechada.

**

TRATAMENTO DA VARIOLA

Ha muito, já devia ter sido riscado da nomenclatura pathologica, a variola.

A vaccina de Jenner pôde nos livrar do contagio; apezar disso, ningem se vaccina e menos se revaccina. Ha a liga dos opposicionistas, dos anti-vaccinadores. Porisso, de vez em quando, apparece um caso de vaccina, e não é muito difficil que, num bello dia, se alastre uma epidemia variolica.

Estava em uso um methodo de tratamento, que parece bom, baseado no sequestro do doente a qualquer luz que não seja a vermelha.

As janellas devem ser vermelhas, as cortinas, as coberturas; tudo deve ser vermelho.

O dr. Barbary pensou que se podia fazer melhor. Elle conserva esse tratamento photophilo, isóla o doente no vermelho, mas applica tambem um medicamento antiseptico interno e externo muito methodico. Duas vezes por dia, loções com uma solução de sublimado 1/2 por mil; vaporisação de uma solução da mesma natureza, porém, mais fraca, a 1 por 4.000, sobre a face e as partes mais invadidas pela erupção; pincelagem do corpo com uma solução alcoolica de salicylato de sôda.

A medicação interna consiste em dar uma poção phenicada e um pouco de salol, addicionando quinina quando a febre fôr um tanto forte.

Como alimentação, leite, café e agua de Vichy.

Graças a estes meios, seguidos sem discrepância, os doentes curam-se rapidamente, sem suppuração e, sobretudo, o que é mais inportante, sem marca de cicatriz mais ou menos profunda.

(La Nature.)

**

O AMMONIACO

O ammoniaco restitúe aos tecidos de sêda, a côr que tiveram perdido devido ás nódoas de fructas.

Uma colhersinha das de chá com ammoniaco, em meio litro de agua mórna, applicada com uma esponja, limpa as alfaias e tapetes, tornando mais vivas as côres. Misturado, em partes iguaes, com agua-ráz, faz desaparecer qualquer nódoa de tinta nas roupas. Si as nodoas já estiverem seccas, convém pôr a parte manchada na agua, deixando-a ahi ficar algum tempo, para amollecere antes de ser esfregada. Molham-se tantas vezes quantas fôrem necessarias, até que as nódoas desapareçam.

Usado no banho, na dóse de uma colher de sôpa, conserva a pelle fresca, clara e sem cheiro algum desagradavel.

Uma colhersinha de ammoniaco em uma chávena de chá da India, applicada com uma pequena escôva, limpa joias de ouro, dando-lhe brilho como se fôsem novas; e a mesma quantidade dentro de um copo d'agua, limpa todas as impurezas dos pentes e escôvas para cabelo.

**

A LECITHINA

A lecithina possúe a admiravel propriedade de acelerar o desenvolvimento dos musculos e a estrutura dos ossos.

O dr. Wiley, chefe da secção de chimica do ministerio da agricultura, em Washington, realisára curiosas experiencias empregando como alimentação de varios animaes a clara de ovo. Verificou que elles cresciam rapidamente, com extraordinario desenvolvimento de musculos e de intelligencia. E o professor Shinkiski Hatai, da universidade de Chicago, repetindo as experiencias do dr. Danilevosky, verificou que ovos de rã, postos n'agua temperada com quinze centesimos de lecithina, ganhavam, em quarenta dias, trezentos por cento mais em pezo, que igual numero de ovos da mesma procedencia conservados em agua pura. O dr. Koch empregou, exclusivamente, esse genero de alimentação em cobaias e ratos. Fervendo a lecithina em agua distillada para esterilisa-la, administrou-a áquelles animaes pela bocca e em injeccões hypodermicas, resultando que esses animaes, comparados com outros nutridos pelos meios ordinarios, cresciam e se desenvolviam na razão de sessenta por cento mais, sendo que a alimentação deu melhores resultados pela via digestiva.

A mais interessante conclusão das experiencias do dr. Danilevosky foi que a lecithina age sobre o cerebro, é um estimulante do sangue, onde circulam as materias primas dos ossos e dos tecidos, e as suas propriedades são as de um composto organico de phosphoro, ou, como diz o dr. Wiley—uma gordura na qual o phosphoro substitúe parte do hydrogeneo.

A clara de ovo contém grande quantidade de lecithina que se encontra tambem nas sementes, onde está depositada, como no ovo, para alimentar o embryão.

Os drs. Wiley e Maxwell procuram, com penosa investigação, saber o destino da lecithina das claras dos ovos, e chegaram a affirmação de que, durante o processo da incubação, o phosphoro organico da lecithina se transformava no phosphoro inorganico dos ossos e tecidos.

O ALMIRANTE (10)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO VII

Quando não havia mais que devorar, saíram as mulheres, com as creanças, pendentes dos seios, enroladas em trapos sujos, com os meninos agarrados ás saias, a mendigar entre a multidão de curiosos que as rodeavam, attrahidos pela originalidade do traje e da lingua, que não entendiam, e lhes davam grandes moédas de cobre, movidos por essa piedade racional, misturada de respeito, que o estrangeiro inspira aos brasileiros.

O resto do dia foi empregado na distribuição das familias pelos quartos de senzala renovada, enquanto não occupassem as casas dos lótes concedidos com a condicção de serem remidos por uma pequena contribuição, descontada mensalmente, do salario. Era esse o meio da assegurar a permanencia do colono, radicando-o, pela propriedade, ao sólo.

Entraram em actividade as machinas. Como enormes bezouros, zumbiam serras desdobrando, em pranchões e taboas, colossaes troncos de ipê e peróba; toneladas de cannas, conduzidas por trens minusculos, estalavam esmagadas por possantes moendas; os flancos das montanhas de calcáreo, marmores de todas as côres, se fendiam ao estoirar de minas; os fórnos de cal e olaria, fumegavam dia e noite; e, em contraste com esse rumor vário, vibrante e impulsivo, nas encostas dos morros alcatifados de grama, de capim melado, pastavam rebanhos fecundados.

Com a exploração de uma bacia carbonifera, denunciada pela conformação geologica de um valle agreste e aspero, ficaria completado o plano de uma concentração industrial com todos os elementos de maravilhosa prosperidade. O dr. Sumer, alumno de uma universidade da Pennsylvania, esperava as sondas encommendadas para a exploração definitiva. E assim seriam aproveitadas as immensas ja-

zidas de ferro e manganez, aflorando á superficie dessa terra inegualavel, onde a natureza prodiga amalgamára thezoiros inexgotaveis de materia prima.

Inaugurados os trabalhos, a marquezia experimentou o colapso subsequente ás prolongadas tensões cerebraes; sentiu necessidade de repouso; pensou em regressar á Côrte, cingindo os louros de sua conquista; mas resistiu á tentação e resolveu ficar na colonia mais algum tempo até que as explorações, emprenhadas com vigor, tomassem curso normal e seguro.

O dr. Sumer lhe inspirava absoluta confiança. Activo, infatigavel, como um *yankee* puro sangue, criterioso e illustrado, seria capaz de dar conta da difficil tarefa; mas o Gião tanto ponderou á patrôa que olhos de dono naquellas circumstancias, erão imprescindiveis, que ella se dicitu a esperar o regresso de Oscar, do seu Almirante, empenhado em desenvolver o espirito com a incomparavel licção das viagens.

Para attenuar a monotonia da vida campestre, ella mandára vir a menina Hortencia, que d. Eugenia, em interessantes cartas sobre a politica e os mais notaveis acontecimentos da vida fluminense, disséra estar magrinha, como planta delicada a estiolar-se na estufa da cidade, necessitando de ar livre, de exercicio, de alimentação sadia, que lhe tonificassem o organismo franzino, fatigado pelo precóce desenvolvimento do cerebro. Era uma pilha de nervos, e a mãe receiava que ella não pudesse resistir á crise da puberdade, ao alvorecer da mulher. Demais, a conselho da professora, seria para ella muito salutar uma interrupção dos estudos, em que fizera progressos admiraveis.

Hortencia foi a nota de alegria do vetusto palacio. Ella e a marquezia saíam em longos exercicios pelo campo; galgavam montanhas; penetravam grutas; passejavam, em canôa, pelo rio que atravessava serpeando tortuoso toda a zona cultivada da fazenda; e, nesse continuo e variado *sport*, a languida Guilhermina, sempre melancolica e envolta em trajos regros, ao contacto daquella companheira, flôr em botão, desabrochando exuberante de seiva, sentia-se remoçar e volver á inolvidavel quadra da adolescencia, pensando que teria sido como Hortencia, se a não houvessem encerrado no convento; se, flôr sylvestre, a tivessem deixado no meio em que nascêra. Assaltava-lhe a magoa cruciante de recordar a mocidade, não vivida, sem liberdade, sem carinhos maternas, que a sollicita piedade das freiras jamais podêra substituir, porque a ternura daquellas senhoras, exiladas da vida, se lhe figurava, sempre um acto de caridade, que não vinha de coração amoroso, mas deter-

minado, como um dever, pelo amor de Deus. Percebêra que ellas a educavam com os mesmos impulsos humanitarios com que se sacrificariam ao cuidar de doentes no leito anonymo dos hospitaes, visando salvar a propria alma pela penitencia, pela pratica severa de uma virtude theologal, e conquistar fieis para maior gloria de seu divino Esposo. A caridade e o amor não se confundem. Um dever, mesmo elevado ao gráu de virtude, jamais prodúz a suavidade empolgante, a ternura de um sentimento espontaneo, desinteressado. E Guilhermina sentia ainda a sensação de humilhação, que lhe imprimia na alma a piedade das freiras. Saciada de gozos mundanos proporcionados pelos seus opulentos haveres, animada pela estima dos potentados, festejada pelos invejosos e elevada ao fastigio da sociedade, faltava, todavia, ao seu coração, quasi êrmo, devastado pelo impetuoso amor sensual do marido, a sensação dos carinhos espontaneos, que se não compram, nem se imitam: era adorada, não era amada como aspirára nos sonhos de mulher superior. E seria absoluta e triste a viuvez de sua alma, como fôra a sua orphandade de affectos, se Oscar lhe não orvalhára, com inninterrupta ternura de gratidão, as flôres da saudade da próle, que Deus lhe roubára cruelmente.

Ao atordoamento do esforço na concepção e na execução rapida do seu plano de redempção da lavoura, succedera a reacção. Resurgiram os habitos indolentes de mulher formosa; veio uma phase de apathia, marcada pelos fios de prata que lhe despontavam na cabelleira, de façiga moral extenuante que ella procurava combater com a companhia de Hortencia, um estimulante para os seus nervos combatidos. Ella percebia um phyltro capitoso de juventude emanando da esguia menina, de corpo flexivel, doce nas maneiras, na voz de um avelludado sonóro encantador, no magico olhar sombrio, onde a candura da infancia já se toldavam com os lampejos ou as nevoas dos vagos e proximos idéaes de moça, num mixto de graça diabrina e meiguice de anjo.

Quando esmorecia o rumor do trabalho, nas longas noites tristes do inverno, a marquezia ficava na sala do piano, rasgada de amplas janellas para o jardim; e, nesse ninho saturado das fragancias sensuaes das orchidéas em flôr, reclinadas em cestos de cipó, pendentes das arcadas, dos jasmíns deliciosos, das rosas opulentas, das exuberantes magnolias, transmittiu á menina o que aprendêra no convento, em lições intuitivas, rapidamente assimiladas; repetia com ella, ao piano, trechos de musica infantil, immorredoiras melodias anonymas, em que rutila a poesia da alma popular em

modulações puras, suaves, que gerações após gerações vão cantando saudosas.

O dr. Sumer era o mestre de linguas. Nos serões, em que vinha partilhar o chá da marquezia, falavam francez, inglez e allemão e assim passavam até dez horas. Nessa hora regimental, o americano erguia-se e saúdava com um *good-night*; Hortencia, somnolenta, seguia, a passo bambo, para o seu quarto, depois de beijar a marquezia, que ficava, ainda, debruçada á janella, em absorta attitude scismadora.

Nessas occasiões succedia ser despertada pelo Gião emergido da sombra, como se rondasse o jardim. Dava bônoite á patrôa e, com a loquacidade habitual, passava em revista os casos do dia, os episodios mais notaveis da vida da população aggreemiada na fazenda, salpicando a exposição tosca com uns tons de impressivel maledicencia e de idéas reaccionarias.

Na opinião do empedernido feitor, os taes colonos sómente serviam para comer: erão uns alarves e uns bebedos, muito malandros e rezingentos, refugando trabalho a pretexto de molestia, de não poderem supportar o sol. Além de lôrpas, erão insubordinados os *carcamanos*, obtidos com uma despeza louca, não falando das mulheres, umas porcas, escanzinadas e palradeiras. Uma turma delles, armada de machados e foices, ficára estupefacta diante da matta, onde temiam entrar com mêdo ás fêras, ás serpentes. Foi preciso empurrar-os quasi a muque. Não poderam cortar uma só arvore, dessas que os portuguezes e os pretos derribavam em alguns minutos, brincando. Homens degenerados em habitos de preguiça criminosa, qualquer esforço os extenuava. E murmuravam, descaradamente, contra o agente que os illudira com a miragem de uma Chanaan, que os seduzira a deixarem a patria, as ruas fétidas de Genova, a immundicie dos famosos canaes de Veneza, a torpeza dos bairros pobres de Napoles, para exilar-os, como condemnados, naquella paiz selvagem e bruto, onde a natureza amesquinhava e absorvia o homem.

A occupação delles, dos preconizados colonos, era pescar no rio, apanhar passaros em armadilhas e devastar, a furto, o pomar. Em menos de dois mezes da chegada daquella cáfila, a passarada fugira, já não gorgejavam pela manhã no laranjal os canóros sabiás; não havia mais fructa madura, nem caixos de vez nos bananaes, nem laranjas, nem goiabas, nem abacates: tudo desapparecêra na voragem dos tantalicos estomagos, assaltados por uma fome hereditaria de muitas gerações de mendigos e vagabundos. Não podiam tragar a carne secca e o feijão, e por isso malsinavam a excellente comida do

restaurante do Gião, um primor de fartura e tempêro, dirigido pelas mãos habéis e o delicado paladar da Colleta, egregia cosinheira de fôrno e fogão.

— Era muito mal feito — ponderava o Gião — tratar com excessos de carinhos, aquella canalha, que não tinha geito para nada e custava um dinheirão atirado fóra. Tirando-os da malandragem das cidades, ficavam como peixe fóra d'agua. Melhor seria mandal-os embóra, para libertar a fazenda de um pernicioso elemento de indisciplina e desordem. Ficariam os trabalhadores portuguezes e os pretos fôrros, cansados da vadiação ou acosados pela fome; os escravos desenganados da proxima libertação seriam sufficientes para o amanho das terras, dos gados e outros trabalhos indispensaveis. E não havia como a nossa gente, que come da nossa panella e entende a nossa lingua e adora o nosso Deus, para fazer serviço limpo a tempo e á hora. Além disso, havia, entre os colonos, uns senhores moços, uns typos de figurões de oculos, de livro debaixo do braço, vagando pelo matto, á caça de borbolêtas, bezoiros, ervas, trepadeiras e parasitas. Outros, de melenas desgrenhadas, passavam dias photographando paizagens e, durante as noites, atordoavam o juizo da gente com os guinchos estrídulos de clarinêtas, o estertor de trombones, o gemido de violinos fanhosos, o *funfun* de samphonas, num zangarreado incessante. Havia de tudo, menos gente para o trabalho. E as mulheres?... Dessas, então, nem era bom falar. Muito preguiçosas e velhacas, ambiciosas e pedinchonas, falando pelos cotovêlos, queixavam-se por qualquer *dá-cá-aquella palha*, cheias de luxos e denguiques que, certamente, não tinham na terra dellas, a julgar pelos trapos que vestiam. Chegára o desafôro dessas harpias a não terem coragem de ensabôar os pannos dos filhos, umas porcas, que tinham horror á agua, de que, graças a Deus, era bem fornecido aquelle afortunado sitio.

A marquezia ouvia complacente as observações do Gião, exaggeradas pela má vontade á obra do progresso, contraria aos seus planos de permanecer na fazenda independente, sem superiores; ella percebia que, nō fundo, eram verdadeiras e sensatas, mas não dava o braço a torcer, nem renunciaria á obra regeneradora, que era o seu orgulho, o seu padrão de gloria.

— Um bello dia — ponderou o feitor á ultima vez que verberou a efficacia da immigração — a patrôa passará por sérios desgostos por causa dessa gente sem alma. Vivem a brigar, pucham facas e se ameaçam de morte por qualquer coisa átôa. Ah, minha rica senhora, vossaexcellencia foi lo-grada pelo tal agente de S. Paulo.

Isso, que ahi veio, é um rebotalho de vadios, ladrões e assassinos, verdadeiros réos de policia. Não sabem pégar numa enxada, nem jamais ouviram falar em lavoira... E' desenganar que não trabalham, nem á mão de Deus Padre, emquanto houver passarinho no matto, fructa no pomar e peixe no rio. A minha gente e os pretos são os homens com quem podemos contar. Não presta essa córja, patrôa; não presta. É a prova de que são viciosos de marca maior, é que refugam a feijoada, mas não estranharam o paraty: bebem-no como gambás.

CAPITULO VIII

O Gião sumia-se na sombra por entre as moitas de rozeiras e camelias, contundindo com os pesados tamancos as ruas ensaibradas do grande jardim e ella ficava horas esquecidas, fitando no céu estrellado os olhos dolentes, absortos na contemplação do infinito, como se o seu espirito, evolasse em mystica viagem á região dos sonhos ephemeros, viajasse com o Oscar, companheiro do silencio e da solidão, evocado pela saudade, nas travessias de mares bravios, varridos pelas tormentas, pelos cyclones devastadores, ou de terras longiquas, paizes exóticos e barbaros, continentes mysteriosos, ilhas perdidas no vasto oceano infinito, nos quaes germinava lentamente a semente civilisadora, levada pelos aventureiros ousados, desde os pioneiros das descobertas até os modernos piratas, agentes das expansões commerciaes dos povos varonis.

Onde estaria elle áquella hora? Na ultima carta, datada de Calcutá, havia oito mezes, narrava, como homem de espirito e observador seguro, coisas e factos estranhos e pittorescos da terra dos rajhas, os milagres dos fakirs, abrogando leis naturaes, contrariando verdades fundamentaes, affirmadas pela physica e pela biologia, curiosos problemas paradoxaes a desafiarem, indecifreveis, a sciencia occidental. Dahi, com licença do governo, partira a bordo de um navio francez para Nouméa e outros sitios em ilhas esparsas, fóra da escala das linhas ordinarias de navegação, até S. Francisco da California. Essa viagem interrompêra a correspondencia mantida por cartas eruditas, cheias de interessantes narrativas, transbordantes de ternura, cartas que ella mostrava com orgulho de mãe, ao dr. Sumer.

Quanto duraria essa auzencia? Se Oscar voltasse, teria um motivo plausivel para deixar a fazenda, onde vivia, sobresaltada pelos continuos conflictos provocados pelos colonos, e muito aborrecida pelos obstaculos que, cada dia, surgiam mais infensos á sua grandiosa empreza. Tornára-se insoffrivel

aquelle viver, durante annos, accidentado de sustos, de preocupações constantes, mal attenuado pela companhia de Hortencia, demasiado jovem para lhe comprehender e mitigar o doloroso estado d'alma. Eram timidadas, diminuidas ante a sua superidade as senhoras que, raramente a visitavam; não enchiam o vácuo do espirito, uma zona neutra, escura, onde ella caía em syncopes de melancolia.

Depois começava a gravitar para a realidade, considerando no rendimento quasi nullo do nucleo colonial, das enormes despezas que o Martins, seu correspondente na Côrte, lhe demonstrava em pavorosas contas-correntes. Não a impressionavam, todavia, os algarismos do capital empregado, mas a inefficacia de seus esforços convictos, o insuccesso systematico das melhores combinações para attingir ao almejado fim de regenerar a lavoira; e doía-lhe com a intensidade de uma decepção amarga, não conseguir convencer os visinhos a adoptarem os processos de trabalho e de cultura, exhibidos de modo tão intuitivo: os resultados do arado não haviam podido supprimir o uso da enxada. A corajosa e nobre creatura estava, todavia, disposta a luctar, a exgottar os ultimos recursos de convicção para o successo de sua obra regeneradora.

(Continúa)

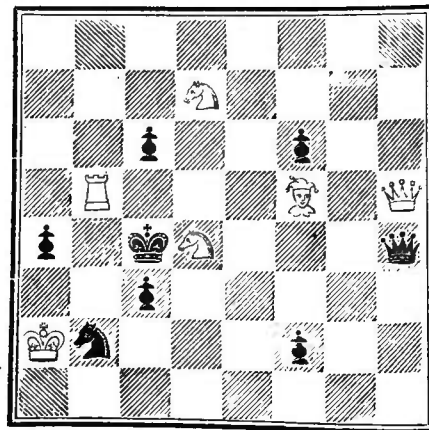
REDACTOR CELLULAR

Na imprensa japoneza ha uma criação interessante que a faz destemida — o redactor cellular. — Esse senhor é o que aqui se chamaria — *testa de ferro*.

O unico trabalho desse personagem, no jornalismo do Japão, é se reponsabilisar pelo que os confrades façam. Por isso, ganha mais que qualquer outro, o que lhe é bastante para se indemnisar das prisões que soffra.

DIVERSÕES

Problema N. 8



As brancas jogam mate em dois movimentos

PROLOGO DO LIVRO DO ESPIRITO

O Espirito

Alma, filha do céo, presa na escura terra,
Busquemos luz maior no azul que o azul encerra !

A Alma

Não, não posso attender á tua seducção ;
O que pensas é sonho, o que crês é illusão...
Eu não posso fugir ; tenho as azas partidas
E preciso velar por mortes e por vidas !
Que é que me importa sêr o agazalho da dôr
Si pompeia na magoa o cardo azul do amor ?
Adeus, adeus Irmão, tu te abrazas em febre.
E não tens um poder que essas algemas quebre !
Vôa, vôa no azul sobre as terras e o mar,
Torna-te estrella e luz sobre o divino altar !
Que me importa ficar num deserto de gêlo
Si esse céo que te attráe eu da terra hei de vê-lo ?
E' cinzenta a manhan como um sudario griz ;
Por cima o azul, o eterno azul, Irmão feliz !

O Espirito

A primeira saudade e as illusões primeiras
Semêam no caminho antros de feitiçerias...
E' preciso evitar no mal o mal maior ;
Sêr bom é natural, é mister ser melhor !
Ah ! porque tanto affecto e tão grande amargura
Por quem o teu amor atira á sombra escura ?
Captiva foste e vil ; martyr serás tambem ?
Abre azas no espaço, abre as azas e vem !
Porque queres morrer ? Porque serás escrava
De quem te arrasta á morte e o teu sepulchro cava ?

A Alma

Toda a terra desperta e queimando o arreból,
Tinge em torno os miarnéis a púrpura do sol.
Existe alguém no mundo, Espirito-Perfeito,
De quem sou vida e luz e sou sangue do peito !
Prefiro me acabar doida, ardente, febril !
A palpitar de amor deante de outro perfil !
Si eu chorar ha de ter um sacrario o meu pranto,
A cruz que me affligir sobre um Golgotha-santo
Ha de florir em rosa, Espirito-Revél !
Vôa, vôa no azul, — enganoso ouropél !

O Espirito

Liberta-te do mundo, em meu seio te abriga ;
Deixa que volte o corpo á argilla muda e antiga...
Não te tortures mais, não te afflijas em vão,
Escuta a minha voz — clara voz da Razão !
Como é triste fitar o sol e andar de joelhos,
Como é triste ser treva ante occasos vermelhos !
Anda commigo, vem para a altura immortal
Donde dimana a luz e surge o vendaval !

A Alma

Soffrer é dar de si prova que a Deus contente,
E' sêr peccado em graça, é fé na alma do crente.
Mais ama quem mais soffre e vive, porque em fim
Nem só de goso o amor é feito... Quanto a mim
Fico na terra ; tu, mais ligeiro que a espuma
Entre as estrellas sóbe, amando-as de uma em uma !

O Espirito

Quem tem azas e o pó deseja, um crime faz !
— Adeus, Alma sem sonho, adeus, descança em paz !
O Corvo máu da dôr, Alma, da sombra expia ;
Descança em paz, adeus, virei buscar-te um dia !...

O bem que podemos fazer ás creanças

III

Pode-se discutir o fundamento das reivindicações operarias em nossa terra, mas que ellas já existem é incontestavel. Lastimo apenas que o mimetismo tão deprimente para as nossas superioridades dirigentes e que nos leva a imitar, sem maior exame, a sociedade do Velho Mundo, não houvesse escolhido outros modelos.

Porque, dentro mesmo desse temeroso problema social, que somente as vistas estreitas não descobrem a todo instante nos dias de hoje, dentro delle ha causas sagradas, que desafiam dedicações em qualquer latitude, ahi onde se encontrem duas almas boas e lucidas.

Trabalhadores intellectuaes labutam muitas vezes mais de oito horas por dia, e desse trabalho continuo e exhaustivo partem á collectividade lucros immensos, que ella nem sempre avalia bem. Esses homens, que não representam somente o braço, não têm a quem pedir que lhes limite ás oito já classicas, as horas de extenuante esforço. Soffrem calados, que a dedicação não conhece estardalhaços, e entretanto as estatisticas demonstram á sociedade o constante padecimento do proletariado intellectual em toda a parte. Tanto como elle, estão sujeitos, e dentro das officinas, a reaes infelicidades os seres fracos. E são elles as mulheres e as creanças.

Os algarismos de Pinard falam alto. Os meninos oriundos de mulheres que trabalharam até ao ultimo momento, são debeis, pesam pouco. De maneira que, para efficaz assistencia á infancia, é preciso não consentir a frequencia nas fabricas á mulher que se aproxima da maternidade.

Dir-se-ha que, desvalída e sem recursos, se váe hibernar no lar sem pão, mas é inexacta a affirmativa. Ha hoje casas, hospitaes que abrigam com o carinho maximo as creaturas naquellas condições. Já não lembrando a Misericordia, silenciosa e benemerita, prodigalizando os maiores serviços, temos agóra a Maternidade, da rua das Laranjeiras, a nobilissima instituição. Puerperas alli recebem um conforto, que falta por ventura ás mais opulentas senhoras. Porque o rigor scientifico é perfeito e inexcedivel, e os mais custosos reposteiros e as finas cobertas dos leitos absolutamente não equivallem aquella fonte innegavel de saúde.

Certos estabelecimentos desse genero, e por maiores que sejam, dentro de poucos annos não chegarão — é possível objectar. Mas, outros meios se impõem. O livro recente do dr. Pecker descreve a organisação da original «Sociedade de Manle». Compõe-se de senhoras, que, com sufficientes conhecimentos de obstetricia, acódem ás

mulheres pobres, em domicilio, de modo a que não lhes falte alguma cousa nessa hora «feita de minutos de vida e minutos de morte», consoante á phrase de Machado de Assis. E, depois, acompanham com desvêlo e sciencia a creação do novo ser.

Seja como fôr, resguardada a saúde da creança, para que ella venha á luz nas melhores condições de resistencia e de vitalidade, é de esperar que a honesta organização de outros soccorros interponha efficazes auxilios. Teremos as *crèches* — consolo da mãe necessitada, o logar onde possa deixar o seu filhinho enquanto váe ás occupaões diurnas, — e as chamadas «gottas de leite», as «consultas para lactantes», pontos em que se distribúe o alimento ás creancinhas e se ensinam as regras de hygiene

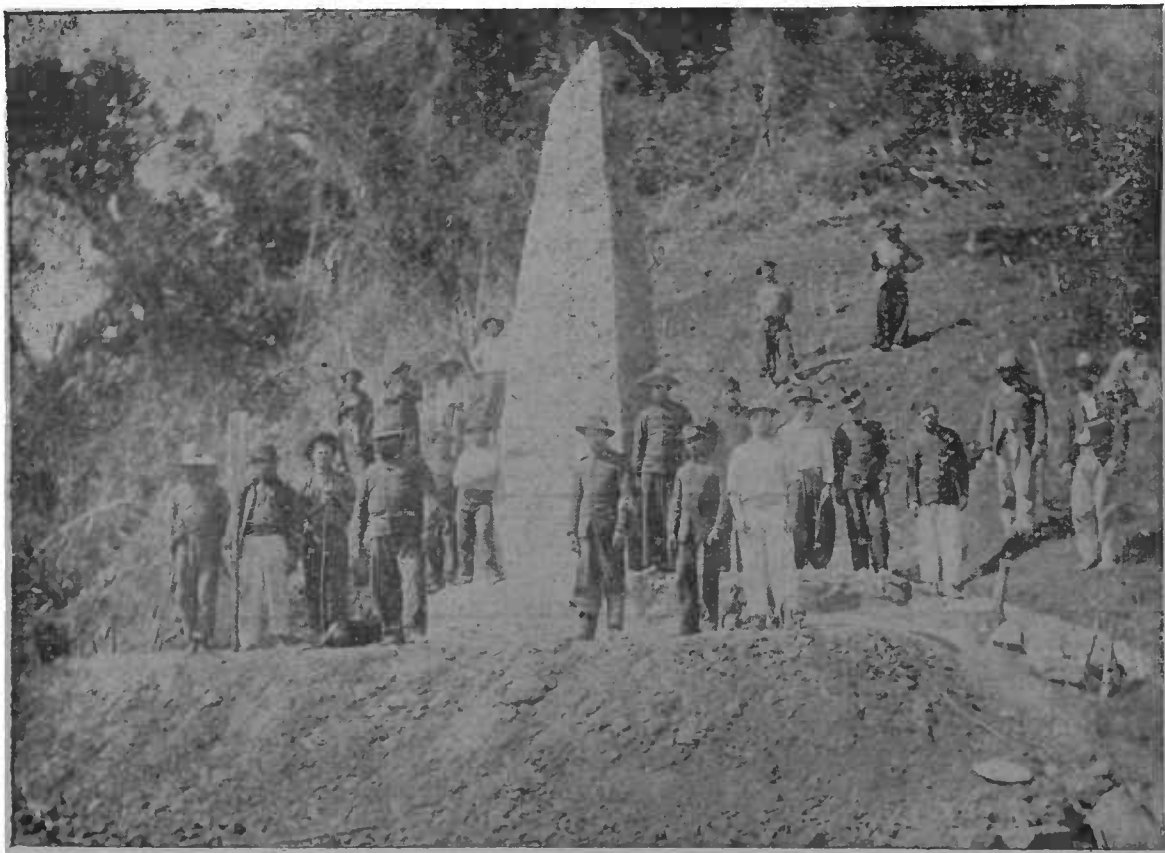
capazes de propagar a doença, o que exige desinfecção prévia rigorosa, a juizo de pessoa habilitada.

Tudo isso está indicando que ás officinas e collegios é indispensavel a fiscalisação no tocante ao contagio morbido. Essa deve ir mais além, mandando se examinar no referente á tuberculose, todos os individuos em contacto directo com os estudantes, e elles mesmo. Lei municipal a respeito já foi sancionada, se não me trahe a memoria. Pól-a em execução será inquestionavelmente um bom serviço á população infantil do Rio de Janeiro.

Nos logares em que trabalham os meninos, ha ainda a regularisar a dóse de esforço que se lhes impõe. Chasbin descreve uma forma enganadora de imbecilidade: o das creanças maltra-

Basta que o governo canalise essa onda de affecto caridoso que transbórda em nossa patria. Mas canalise com discernimento, evitando a legião de exploradores de todas as especies, que por ahí vivem, ao que parece. E' de crer que o projecto de assistencia publica, obra meditada do sr. dr. Ataulfo de Paiva, satisfaça ainda os mais esclarecidos no assumpto.

Que com a bôa vontade de cada um, todos triumphem. No dia em que partir o primeiro trem para «as colonias de férias», a riqueza dos que veranêam em Petropolis será mais brilhante e mais util. E quando as creanças dos menos favorecidos da fortuna encontrarem desde o nascimento o justo agasalho, á parte o supérfluo, dos que que nasceram opulentos, teremos ven-



O PESSOAL DA COMMISSÃO DE LIMITES, JUNTO DO MARCO BRAZILEIRO DA FÓZ DO PEPIRY-GUASSÚ

infantil. As leis de assistencia velarão tambem pelo exame das amas de leite e pela infinidade de outras providencias que todas tendem a resguardar, de sofrimento e degeneração, a tenra idade. E já temos no Rio de Janeiro utilissimos elementos para tão bella cruzada, ainda que — é bem de ver — não completos.

Carecemos de inspecção medica das escolas e das fabricas. Os estudos scientificos, revelaram que os convalescentes de algumas doenças infectuosas agudas pôdem ainda transmittil-as. Para isso os governos da Europa estabelecem um prazo fixado pelos medicos: em França o collegial só pôde frequentar a escola um mez depois de curado da diphteria. Quanto á variola, é de conhecimento banal que as crostas são

tadas, que têm pavôr de quantos se lhes approximam. A exploração d'ellas, por este ou aquelle motivo, não é facto desconhecido. Já se disse que a politica engóda aos incautos com a liberdade; com a caridade as religiões. A historia de certas casas pias da nossa terra é bem conhecida: appello ao publico, que acóde generosamente, successivo abuso dos directores, desmoralisação da obra iniciada. Confio que as leis nacionaes cercêem a possibilidade de delictos em tal direcção. Toda a pessoa que deseja felicitar as creancinhas, não deve recêar severa fiscalisação.

A republica de Platão será irrealisavel sob muitos pontos de vista, não no que é attinente á protecção da infancia.

cido os anarchistas do futuro. Já não é pouco preparar esses dias felizes. E hade ser o paiz em que não se morre de fome; que, sem delirios comiciaes e sem êmphase rhetorica, praticamente fará a proclamação dos direitos dos pobres.

DR. FERNANDES FIGUEIRA

HOMENS E COISAS DOS ESTADOS

OS MEUS ANNOS !

I

Hoje, completo 70 annos, e antes que alguém falle disto, fallo eu, que tenho mais direito. Si é feio ter 70 annos, mais feio será negal-o.

Nasci na villa de S. João da Barra, a 3 de dezembro de 1829, dia de S. Francisco Xavier, disse minha santa mãe, e notei no meu primeiro *aide-mémoire*, quando fazia as primeiras letras. Nasci, portanto, *capixába*. Lopo após uma lei desannexou aquella villa, reunindo-a á provincia do Rio de Janeiro. Não protestei, porque má-mava.

Francisco me devia chamar, segundo a folhinha, mas João quiz meu pae que eu ficasse, em homenagem a meu padrinho João Baptista de Castro, socio do conde de S. José na fazenda *Barra-secca*, em cuja capella me alistaram christão.

Ganhei com a mudança de nome. Em pequeno, me terião chamado—Xiquinho; adiante — Xico; e agóra? Xicão!

Muita gente admira, como se vive septenta annos! Vive-se por acaso, e portentoso acaso, tratando-se de menino, como eu fui.

Para dar idéa disto, farei a resenha dos perigos que tenho vencido.

Em S. João da Barra, localiso o meu primeiro accidente. Comendo banana assada (S. Thomé), e súgando as têtas duma prêta de Angóla, adquiri volume e forças para engatinhar. Neste exercicio, finquei num dos meus dois pés uma grossa espinha de robálo, peixe do Parahiba. Tendo sido impossivel extrahil-a, ficou residindo ahi até hoje, por ventura!

De S. João da Barra, meu pae se transferiu para a cidade de Campos, com toda a familia. Alli, escapei de ficar orphão. Angelis e Regis, officiaes do exercito, intrigados com dois negociantes irmãos, (Theotônio e Victorino) tentaram matar a um destes, dando-lhe Regis um tiro de pistóla á noite; e depois quizêrão fazer o mesmo a meu pae, porque lhes moveu acção criminal. Sendo-lhe de mistér ir ao Rio, accusar a Angelis, num conselho de guerra, alli contrahiu uma affecção do peito, que o levou ás portas da tuberculose.

De Campos fômos para o Rio, via S. João da Barra; e na altura de S. Thomé, soffremos uma tempestade, que atirou por ahi além uma frota inteira de sumiácas, da qual faziamos parte, salvando-se tão sómente a nossa, sem o panno, e avariada.

Do Rio, seguimos para o Ceará no paquete *Niger*, 2º commandante Amazonas; viagem cheia de mil accidentes. O Imperador tinha chegado de Minas, e se passavam as noites terrórosas das garrafadas, quando nos fizemos ao mar. Aportados a Pernambuco, aguardavamos navio para o Aracaty, quando chegou a noticia do 7 de abril, anarchisando-se a cidade. Havia levantes, todos os dias.

No Recife, encontrámos Pinto Ma-

deira, que foi morar com o meu pae, por amor do seu coreligionario, e pessimo amigo — Francisco Xavier de Souza, nosso companheiro de viagem, desde Campos.

Nessa comensalidade, Pinto Madeira deu ordem a dois sequazes seus, que atirassem da varanda abaixo o celebrissimo estudante. Oxalá, cacêteador, do qual minha mãe lhe havia feito queixas. Pôde salvar o desgraçado, já de roldão. Si o teem morto, iria ella para a cadeia até dissiparem-se as suspeitas de ter concorrido para o crime; pois que era a unica pessoa de autoridade, que, no momento, estava em casa.

Navegámos para o Aracaty no *Delmira*, navio de Domingos José Pereira Pacheco, e na entrada da barra estivemos segunda vez a perder-nos.

No sobrado desse ricaço, rolei do primeiro ao ultimo degráo da escada! Não morri, porque tinha de fazer os 70.

Chegámos ao Icó, assento da minha familia, (Brigido) em 1831, junho, mez, que então chamavão de S. Antonio; isto, ao mesmo tempo, que Pinto Madeira, pelo interior, chegava ao Cariry com Xavier, e còmeçavão os rumores da guerra civil. Em Dezembro, estava tudo em armas, e combatia-se. A 4 de abril de 1832, o Icó foi accommettido por 4.000 pintistas.

Toda a minha familia fugiu da villa, (embóra o rigor do inverno memorando), homens, mulheres e creanças, uns a pé, outros a cavallo com garúpas, ou gente na lú da sella.

E lá fui numa lú de sella, vadeando rios e riachos, nesse panico, aliás sem motivo. Pinto Madeira jamais consentiria que nos tocassem. Ininigo politico de meu pae, tinha minha mãe na maior estima e respeito; e quanto a mim. . . eu tinha sido o seu mimoso no Recife. Possuia ainda um bonet, que elle me havia dado, meu irmão Constantino, um chapéozinho.

Meu pae advogava nos diversos pontos da comarca. Do Icó, foi chamado ao Crato para defender os pintistas. Lá fômos, após elle, eu, minha mãe e Constantino, (meu irmão mais velho). Nos altos de S. Antonio, *coxilando* no meio duma carga, cahi, e me feri tanto no pédregulho, que fiquei em pannos de vinagre!

II

Voltando ao Icó, fômos dalli para S. Matheus, onde meu pae enfermára, advogando uma causa contra o ferocissimo João André. Este, acabando por matar-lhe o constituinte — (José Cavalcante de Luna), ameaçava fazer-lhe o mesmo, quando foi preso, por outros crimes, e teve de chamal-o para seu advogado! Meu pae, a muito cústto, conseguiu que o não enforcassem, obtendo garantias de vida para elle, e appellação, á mercê do capitão-mór

da villa — Gonçalo Baptista, de santa memoria.

Em S. Matheus, estrepei uma virilha numa vára de espichar coiro, e quando me restabelecia, fracturei a tésta numa quina de balcão. Tanto um como outro accidente, me custou assás.

De volta ao Icó, quebrei a cabeça com uma peúrada; enterrei num canhar um prégo, que meu pae, muito a custo, arrancou; e esperneando em derredor de um pilão, deitei-o por sobre mim, perdendo os sentidos! O peor de tudo foi uma molestia, com vomitos tão pertinazes que o meu medico (um burro) me declarou condemnado. Escapei, porque tinha de ver a Republica!

Tambem, duma topada, correndo, me saltou longe, limpa e sêcca, uma unha do pé; duma canélada fracturei una tibia; finalmente passei por insistentes soffrimentos dos olhos, feridas nas fóssas nazaes e por tráz das orelhas! Por amor disto, tomei muitos *gumitorios, purgas e relaxantes*, como chamavão as velhas do Icó.

Foi em S. Matheus que entrei nas primeiras letras, forçado duma grande súrra. Tinha horror aos carrascos, que fazião de mestres naquelle tempo. Carrascos, porém, vim encontrar no Icó. Foi meu mestre um monstro — João Felipe, — velho litão, vermelho, vestindo timão e ceroilas *meia-coronha*. Empregava não só a palmatoria, mas ás vezes o bacalháu. Daquella soffri amargamente; deste escapei, porque minha bemdicta avó, na primeira crueldade, lhe passou grande descalça-deira, e me fez sahir.

Meu segundo mestre foi um ex-sargento, herculeo, e mais vermelho ainda, tomava o seu copíto, e sabia tão pouco, como o primeiro.

De palmatoria em punho, de pé, iracundo e bravejando, dava bôlos de rachar as mãos das creanças!

Do Icó nos passámos para o Quixeramobim, terra faminta, fóco de intrigas e de impáfias sertanejas; cem vezes mais atrazada, que o Icó. Ahi, fiz o meu latim. E ensinava-se igualmente a pancadas, ou bôlos; velho systema dos jesuitas: *Literæ cum sanguine intrant*. Com mêdo nada se aprende: mas aprendi, assim mesmo, para o gasto.

Nessa terra má, trilhei um pé, e por duas vezes estive a afogar-me. Levei muitas quédas de cavallo, e uma terribilissima de João-galamarte. Soffri terribes dôres de ouvidos, e arranquei a ferro, o primeiro dente. O peor de tudo foi um pleuriz, que ia dando cabo de mim. Na cura, até me queimaram, entornando umas ventosas, com a sua véla!

Acabei magro e triste. Tinha inveja aos cães!

Meio amphibio, nadador afoito e jogador de *cambapé*, eu vivia nos rios

cheios e nos pòços. Nessas vadições salvei da morte a quatro companheiros: o actual escrivão, capitão Antero; José Raymundo Façanha Filho, meu irmão Guilherme e Antonio Conselheiro. Este salvou-se ao meu pescoço, apanhado, commigo, por uma tarrafa, num pòço estreito e profundissimo. Eu, mesmo, ia-me afogando depois, saltando, por temeridade, do alto duma umuriseira, num pòço profundissimo. De outro salto, trilhei um pé.

Na secca de 1845, com 16 annos apenas, fiz a pé uma viagem de 10 leguas, ida e volta; outra de 20.

E fui rolando assim, tudo para chegar aos 70 annos, que, em se mettendo no coiro da gente, fazem tudo fender-lhe.

Em viagem de Baturité para Quixe-

Maranguape, o qual me alugára os cavallos, quiz matar-me á faca. Defendi-me com uma pessima estaca de cêrca. Teria morrido, porém, si um ex-praça, (Manoel Cigano) meu arriero, não vò a tempo de pôr outra faca aos peitos do facinora, fazendo-o recuar.

La deixandó de fazer os meus 70, por mal ouvido. Debalde, meu pae se tinha pronunciado contra a minha viagem em tal companhia. Eu lhe havia respondido: Não tenho mêdo deste cabra.

Colocado no Jardim, uma meia noite, indo a toda a brida, nos desertos do Araripe, um galho de páu metteuse-me entre a perna direita e o lôro. Dos trez, um devia quebrar-se; quebrou-se o galho, cahindo eu tambem. Tinha a curva cortada até ao ôsso, por

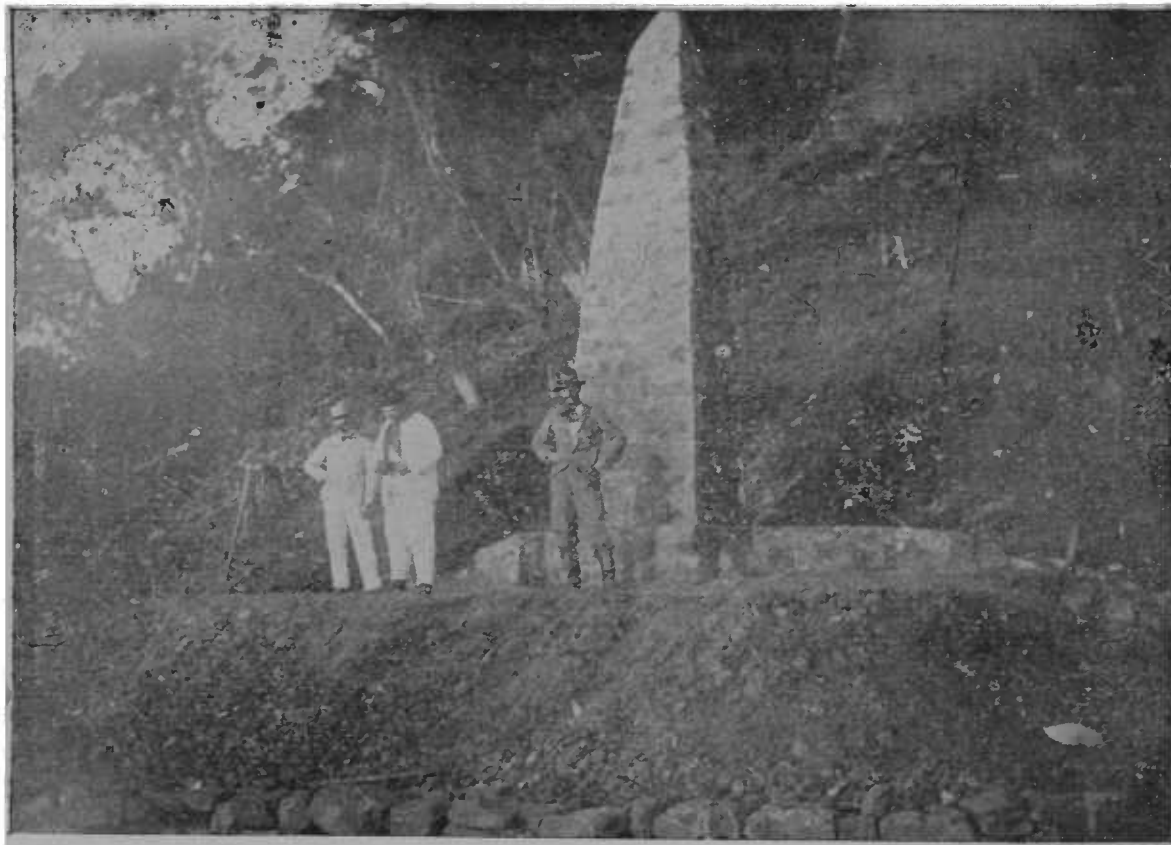
traição, porque, no instante, um amigo derribou a cacête o malvado, que me veio pelas costas. Era um negrão, especie de gigante *Galafre*, chamado Pé-de-páu.

Eu nem era mais anjinho; aos 21 tinha me casado.

IV

Durante minha residencia na Barbalha, fiz duas viagens, por terra, ao Recife; a primeira com 150 leguas e a segunda com cêrca de 200, tocando em Papari, junto a Natal.

Não se admirem, pois, de tanta quêda que eu dêsse. Viagens, que tenho na memoria, excedem de 5.000 leguas, um terço dellas a galópe. Remexi quasi todos os sertões do sul do



MARCO PRINCIPAL DA FÓZ DO PEPIRY-GUASSÚ

ramobim, cahio-me o cavallo, e desloquei a mão esquerda, que deixei ficar mesmo torta; por que não me fazia perder casamento.

III

Em 1846, viemos para esta capital, onde tive complicado sarampo. Deu-se mais o seguinte: um soldado bêbado, em furia, quiz esfaquear-me á noite, na praça do Ferreira; um páu de jangada, em banho do mar, me descadeirou para muitos dias; e na eleição de 1848, o cadête Fiusa, conhecido por — *Esporão de gallo velho*, por pouco me espêta na baioneta, no acto de despejar a igreja, dos *chimangos*. Eu era destes.

Seguindo para o Crato, um cabra gágo, facinora do Apodi, residente em

cima o coiro contundido de modo que se mettia a mão! O resto da viagem foi um tormento. Fiquei de molêtas, e um charlatão diagnosticou: ou a perna cortada, ou um aneurysma! Recalcitrei, e 15 dias depois, me encarrerei nos 70.

Na Barbalha, para onde me transferi, um coice, (num pé), me fez voltar ás molêtas. Sofri, trez annos consecutivos, uma febre maligna, que, da ultima vez, me ia fechando o caminho. Um pistolão, que eu examinava, disparou-se em frente a meus olhos, e me pôz inteiramente cêgo, e num atordamento tal, que me voltei para o lado, em que tinha outro pistolão, para disparar na cabeça; salvou-me meu irmão Cassiano, ligando-se commigo. Numa eleição de grossa pancadaria, escapei duma tijolada á

Ceará, mór parte dos do norte, e muitos do Rio-grande, Parahyba e Pernambuco até o S. Francisco em frente a Pambú da Bahia.

Na primeira ao Recife, passava o sol debaixo das legendarias oiticas, extremo da pittoresca villa do Ingá, quando me viêrão dizer que, no peadouro, entre os cavallos, estava desmedida serpente. Acompanhado de uma visita, o tenente coronel José Paulo, que com tanto lústre fez a guerra do Paraguay, corri para allí.

Era com effeito, um monstro; medía cerca de 20 palmos. Vendo-nos, quiz escapar-se. Cercamol-a, e lhe demos combate a pedradas. Eufurecida, ella se entrouxou e pôz a cabeça no alto. Mandámos fazer-lhe fogo com um BACAMARTE, e errou o tiro. Então, foi um furor, berrava como um cabrito i

Nunca tinha visto aquillo ; investi, porém, com um enorme varapáu, e tanto lhe descarreguei o golpe, como ella, desdobrando-se, vôou a mim, com um palmo de bocca escancarada !

Que susto ! Não me apanhou uma perna, porque eu lhe batêra, saltando para trás. Um sequáz de José Paulo, que, ao estampido do tiro, corrêra em procura d'elle, com outro tiro mais certo deu cabo do reptil, esmigalhando-lhe a cabeça.

No Crato, ultimo ponto, em que residi nos sertões, tive o cholera, ficando uma mumia ; tive nos ultimos tempos uma bexiga, tal qual, e uma nevralgia, que me fez arrancar o segundo dente, este com parte da gengiva ! O operador não era gente, não !

Um amigo disparou desastrosamente um revolver sobre mim, indo a bala fincar-se na parêde, um palmo acima da minha cabeça ! Quasi enlouquece de terror essa creatura, de quem me lembro com profunda saudade.

Com elle, inseparavel de mim, eu já tinha corrido perigo em 2 de agosto de 1861, no vapor *Iguarassú*, indo de encontro ao recife da barra do Natal. Tal foi o chôque, que cahiram todos, quantos iam nelle. O navio arrebentou o focinho, e o metteu nagua, tendo de voltar ao ancoradouro cercado de pequenas embarcações de soccorro. A bandeira negra hasteou-se no fortim.

No decurso de 70 annos, com a minha indole e character, se passão muitas cousas. Após, finalmente, outra eleição, de Missão Velha, aborrecume aquillo, e passei-me para esta cidade da Fortaleza de Nova Bragança (1865).

De então para cá, mil cousas me têm acontecido, outros perigos e de outros generos, que contarei em dezembro de 1900. Accrescentarei somente que comecei aqui por uma invasão de febre amarella, que abortou ; fui á cama affecado duma bronchite, capaz de enthyicar a qualquer MACHACAZ ; e, por ultimo, uma dispepsia, companheira desde os 30, se declarou atritismo, gotta traçoeira, que me levou a tentar inutilmente a medicina, até que Torres Homem diagnosticou, com a sua grande autoridade.

Assim é que tenho vivido 70 annos ; assim é que não poderei chegar aos 90, como meu avó materno, Francisco de Paula Robim, mineiro, cásca grossa, bom e verdadeiro senhor, que foi, das terras do Parahyba, entre Corrego-dos-Indios e Meia-laranja, do antigo municipio de Cantagallo, ora da Magdalena.

Minha ascendencia paterna foi de menos vida. Meu bisavó João dos Santos Lopes, era um portuguez, segundo tenho verificado, de sangue berbére, casado com uma bahiana da familia de Cypriano de Almeida Barata.

O mais para 3 de dezembro de 1900. E não se afflija quem me quizer mal ; que só hei de esticar a canéla no seculo XX.

Ceará, dezembro, 1899.

JOÃO BRIGIDO.

Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDA DE UM ESTUDO CRITICO

DAS THEORIAS VIGENTES

PARTE 2ª

CAPITULO I

OPERAÇÕES

1. Mostramos precedentemente que não mais se deve considerar os negativos como provindo de uma subtracção impossivel, operação esta que derivava da hypothese absurda que se fazia sobre um dos termos da subtracção, e que só podia ser effectuada admittindo-se que a subtracção é uma addição em que a um positivo se somma um negativo, supposição esta que a concepção de Descartes fórça a retirar da sciencia.

Vimos porque maneira essa concepção limita o campo das hypotheses, o que acarreta para a mathematica um alto gráo de racionalidade, ficando portanto livres os geometras da « obrigação de admittir indifferentemente todos as sortes de expressões quasquer que possam engendrar as combinações algebricas (1) como determina A. Comte, porque tal obrigação decorre da irracionalidade de hypotheses que derivam de mal se interpretar a indeterminação daquelles symbolos e da confusão que se faz entre a qualidade das quantidades algebricas e as operações de composição e de decomposição que se é levado a effectuar sobre ellas.

Mostramos que diante dos factos geometricos e mecanicos sente-se a necessidade de introduzir no calculo os negativos, afim de que a linguagem algebrica possa efficaçamente traduzir os factos do dominio concreto, e que partindo deste dominio, chega-se a fazer uma idéa tão clara dos negativos como se faz de um positivo, o que define perfeitamente o principio da subordinação do abstracto ao concreto.

Vimos que accetando o principio de Descartes, não com o fim de interpretar os resultados anormaes que motivaram hypotheses gratuitas, mas como uma necessidade logica imposta pela possibilidade de uma dupla solução na determinação de um ponto do espaço ou do plano, duplicidade de solução que se pode dar em muitos dominios, a *naturalidade* dos negativos se impõe, como correspondendo a uma aspiração verdadeiramente scientifica, ficando-se, pois, obrigado a retirar da mathematica a parte de mataphisica de que ainda se resente.

E' assim que ficamos habilitados a vêr em um numero negativo *uma colleção* de unidades negativas, como em um positivo reconhecemos uma colleção de unidades positivas, sendo a unidade negativa, como a positiva, uma grandeza ou quantidade negativa de valor conhecido e que serve de termo de comparação a grandezas ou quantidades da mesma especie.

Por certo que accetar por tal maneira os negativos é mais philosophico que admit-

til-as como resultados anormaes que o calculo nos apresenta, porque o calculo só *pode* conduzir a resultados taes, si de *antemão* nossas hypotheses já os encerram.

2. Feito este resumo da primeira parte, deveriamos nesta tratar das operações e problemas, conformes á nossa theoria, mas para mais clareza lembremos como actualmente se entendem as operações e como se raciocina no caso dos problemas, effectuando nós depois de exposta cada uma destas partes, as operações e problemas de *accordo* com a theoria que apresentamos.

Eis em resumo como actualmente se procede.

Supponhamos que temos de addicionar ou subtrahir dois polynomios taes como *P* e *Q*, cujos valores respectivos tenham esta

forma ; $A - B$ e $C - D$.

Teremos :

$$P + Q = (A - B) + (C - D) = A - B + C + D. \quad (1)$$

$$P - Q = (A - B) - (C - D) = A - B - C - D. \quad (2)$$

O illustre Bourdon, concluiria immediatamente que « sommar um negativo é o mesmo que subtrahir o seu valor absoluto » e que subtrahir um negativo é o mesmo que sommar o seu valor absoluto » porque : 1º quando se somma $-D$, na expressão (1) este termo apparece no resultado com o signal $-$; 2º quando se subtrah este mesmo termo na expressão (2), apparece elle no resultado com o signal $+$.

Dizemos que ha engano no raciocinio de Bourdon e que é facil descobrir onde está elle.

E' sabido desde a arithmetica que sommar uma differença é o mesmo que sommar o minuendo e do resultado subtrahir o subtraheudo.

Bourdon sommou uma *differença indicada*, e achou na verdade o minuendo sommodo e o subtrahendo subtrahido, o que o levou a concluir a regra para sommar um numero negativo.

Na differença indicada $C - D$ não ha, porém, negativo de especie alguma, porque *C* e *D* são positivos, e a expressão $C - D$ apenas diz que da quantidade positiva *C* se deve tirar o valor da outra positiva *D*.

Ha, porém, um meio de dizer que na differença $C - D$ o subtrahendo *D* é um numero negativo, e é como temos visto que $C - D = C + (-D)$, foi por esta razão que Bourdon operando sobre termos positivos concluiu para termos negativos.

Neste caso, porém, o illustre mathematico cáe em um circulo vicioso, porque de posse da primeira convenção de M. Bertrand, vae estabelecer uma regra quelela propria convenção.

O mesmo diriamos para o segundo caso em que se subtrah uma differença indicada e se conclue a regra para a subtracção de negativos.

3. O illustre Comberousse, segue um caminho pouco differente.

Toma as expressões (1) e (2) :

$$P + Q = (A - B) + (C - D) = A - B + C - D \quad (1)$$

$$P - Q = (A - B) - (C - D) = A - B - C + D \quad (2)$$

e diz :

Si supuzermos que *A* e *C* se annullam, depois dos valores numericos attribuidos ás lettras, a formula (1) dá :

$$(-B) + (-D) = -B - D = -(B + D) \quad (3)$$

A somma de dois numeros negativos é pois um numero negativo tendo para valor absoluto a somma dos valores absolutos dos numeros dados.

Pelas mesmas hypotheses a formula (2) dá :

$$(-B) - (-D) = -B + D \quad (4)$$

(1) Philosophia Positiva pag. 160.

A differença entre dois numeros negativos tem pois para valor absoluto a differença dos valores absolutos dos dois numeros dados, e este valor absoluto deve ser affecto do signal + ou do signal - segundo o valor absoluto do numero a subtrahir for maior ou menor.

Vê-se ao mesmo tempo pelas formulas (3) e (4) que :

Ajuntar um numero negativo é subtrahir seo valor absoluto.

Subtrahir um numero negativo é sommar seo valor absoluto.

A addição e a subtracção de dois numeros, um positivo e outro negativo, reduz-se pois respectivamente a uma subtracção e a uma addição, quando o numero positivo é o maior dos dois em valor absoluto. » (1)

Eis uma outra maneira de entender a addição e subtracção sobre as quantidades negativas.

Si as expressões $A - B$ e $C - D$ são differenças indicadas, temos que as A e B estão ligadas entre si por uma subtracção, dando-se o mesmo com as quantidades C e D na expressão $C - D$.

Na hypothese de $A = 0$ e $C = 0$, ou a subtracção indicada persiste ou não persiste.

Si a subtracção persiste a expressão (1) se transformam na seguinte :

$$(0 - B) + (0 - D) = 0 - B + 0 - D = 0 - (B + D)$$

ou

$$(0 - B) + (0 - D) = 0 - (B + D) \quad (5)$$

porque tanto faz á differença entre zero e B sommar a differença entre zero e D , como o primeiro termo da igueldade (5), ou por outra, tanto faz de zero tirar B e depois de zero tirar D e sommar os resultados como logo se tirar de zero a somma $(B + D)$. Suppondo-se pois que a dependencia entre as quantidades A e B , como entre as quantidades C e D persiste depois da hypothese de $A = 0$ e $C = 0$, vemos que se chega a um resultado incompreensivel, que apenas serve para mostrar que annullando-se os minuendos A e C naquelles dois binomios que se acham ligados por uma addição, a hypothese perdura no resultado, que nada mais é do que a differença entre a somma dos subtrahendos e a somma nulla dos minuendos.

Mas os subtrahendos B e D são positivos e sua somma tambem é positiva, e a hypothese de Comberousse não leva, portanto, á consideração alguma de negativo, como affirma este mathematico.

Si, porém, a dependencia entre as quantidades A e B como a dependencia entre as quantidades C e D , expressa pela subtracção indicada entre ellas, não persiste depois das hypotheses de $A = 0$ e $C = 0$, a expressão (1) se transforma na seguinte :

$$(B) + (D) = B + D = + (B + D),$$

porque annullando-se os minuendos A e C que são positivos, os subtrahendos C e D que tambem o são, não podem por essa hypothese se transformarem em negativos.

Rigorosamente estudado, o artificio empregado por Comberousse não pode conduzir á regra para a somma das quantidades negativas, pelo simples facto de operar aquelle autor sobre quantidades exclusivamente positivas, muito embora se acceite ou não, depois de nullos os minuendo, a dependencia que liga os termos de uma subtracção indicada, ou se diga que naquella hypothese, a subtracção continua ou não entre aquelles dois binomios.

(1) Comberousse, Algebra elementar, pags. 322 - 323.

Por um raciocinio identico será facil de provar que a expressão (2) tomada por Comberousse, não pôde tambem conduzir á regra para a subtracção dos negativos, porque trata da differença entre duas differenças indicadas.

E se este autor chegou a enunciar accertadamente as regras que devem presidir á addição e á subtracção entre as quantidades negativas, é porque evidentemente considerou os subtrahendos B e D negativos, ou fez a applicação do principio de Bonrdon.

O facto de se chegar a enunciados verdadeiros não deve, porém, justificar a accettazione de tal principio, porque, delle se fazendo emprego, só se chega a resultados certos á custa dos raciocinios os mais abstrusos, o que muito concorre para o descredito das sciencias exactas.

Ficamos nestes dois autores não só para não levar muito avante este estudo, como porque a totalidade dos algebristas usam sempre de artificios mais ou menos identicos, que entretanto podem ser facilmente desfeitos.

4. Passamos agora a tratar das operações sobre as quantidades negativas, considerando estas quantidades sob o ponto de vistas da concepção carteziana, que temos procurado restabelecer.

Tomamos, porém, em todas as operações, o caso das quantidades positivas, para melhor comprehensão das operações sobre os negativos.

ADDIÇÃO

DEFINIÇÃO

Addição algebraica é a operação que tem por fim achar a somma de duas ou mais quantidades.

Supponhamos que temos de addicionar as quantidades positivas $+A$ e $+B$.

Sendo o nosso intuito sommar estas duas quantidades, é claro que o nosso resultado deve ser uma expressão algebraica que contenha todas as unidades de $+A$ e $+B$.

Obtem-se em algebra a expressão que procuramos ligando as duas quantidades dadas pelo signal + que indica a addição.

Assim, temos o seguinte quadro algebrico que traduz nossa operação :

$$(+A) + (+B) \quad (1)$$

Introduzindo aqui uma simplificação decorrente de uma convenção sem importancia para os resultados, podemos passar para a expressão :

$$A + B \quad (2)$$

E' evidente que tanto faz considerar a expressão (1) como a expressão (2), e isto se traduz em algebra ligando-as pelo signal =.

Assim temos,

$$(+A) + (+B) = A + B$$

para representar finalmente o quadro algebrico de nossa operação.

Si supuzermos que existe uma quantidade positivã $+C$ que encerra todas as unidades de $+A$ e de $+B$, o que é facil de admitir, teremos em ultima instancia,

$$(+A) + (+B) = A + B = +C,$$

o que conduz á definições que anteriormente dcmos.

5. Supponhamos agora que temos de addicionar as duas quantidades negativas $-A$ e $-B$.

Da mesma maneira é evidente que devemos ter para resultado uma expressão algebraica que contenha todas as unidades de $-A$ e $-B$, e portanto o quadro representativo de nossa operação será a expressão

$$(-A) + (-B) \quad (3)$$

Ora, a somma de duas parcelas negativas sendo evidentemente um numero negativo, igual em valor absoluto á somma dos valores das parcelas, é clara que da expressão (3) poderemos passar para esta outra

$$-(A + B) \quad 4$$

porque esta significa um numero negativo igual á somma das parcelas dadas. Assim, teremos :

$$(-A) + (-B) = -(A + B)$$

Representando por $-C$ a quantidade negativa que encerra todas as unidades de $-A$ e $-B$, teremos finalmente :

$$(-A) + (-B) = -(A + B) = -C \quad (1)$$

D'aqui já concluímos que a somma de dois numeros negativos é um numero negativo, igual em valor absoluto á somma dos valores absolutos dos dois numeros dados, como a somma de dois numeros positivos é um numero positivo, igual em valor absoluto á somma dos valores dos numeros dados.

6. Examinemos o caso da addição de duas quantidades uma positiva e outra negativa.

Sejam $-A$ e $+B$ as quantidades a addicionar.

Pelas razões expostas acima, a operação se representará assim :

$$(-A) + (+B) \quad (5)$$

expressão que tambem poderá ser representada maneira

$$-A + B$$

donde teremos :

$$(-A) + (+B) = -A + B = B + (-A)$$

Esta somma não pode ter um signal unico como actualmente se diz e como pensa o illustre Comberousse, isto é, não pode ter o signal + quando $B > A$, ou o signal - quando $B < A$, porque não corresponde á differença $B - A$, a não ser que se admita que um negativo seja uma quantidade a subtrahir, o que provamos não ser possivel.

Quando naquella somma se transpõe as parcelas, o que se encontra é $B + (-A)$ que ainda significa uma somma, o que na verdade é uma consequencia da concepção de Descartes, e não a expressa $B - A$ que evidentemente é uma subtracção entre positivos.

Não podendo ter um unico signal, como se dá no caso de dois positivos ou de dois negativos, o caso que nos preoccupa sendo, por assim dizer o caso de uma addição hybrida, é claro que a unica coisa que se pode afirmar é que elle conduz a um resultado que tem para valor absoluto um valor igual a C .

Com effeito, desde que uma quantidade negativa é tão real como uma positiva, ficando apenas distincta desta por sua qualidade e não pelo character de subtracção que até hoje lhe tem sido attribuido, conclue-se que a somma entre $-A$ e $+B$ ou entre $+A$ e $-B$ terá para valor absoluto o mesmo valor que as sommas entre $+A$ e $+B$ ou entre $-A$ e $-B$, isto é, um valor igual a C .

Quando se tratou de duas quantidades da mesma qualidade, a somma dellas conduzio a uma quantidade da qualidade das com-

(1) E' bom não esquecer que $-(A + B)$ não quer dizer $---A ---B$, e sim $(---A) + (---B)$; para se passar de $---(A + B)$ para $---A ---B$, é preciso admitir a primeira convenção. Além disso $---A ---B$ quer verdadeiramente dizer que da quantidade negativa $---A$ se deve subtrahir a quantidade positiva $+A$, o que muito diverso do que caso de nos occupamos.

ponentes, no caso que nos occupa, o que se deve dizer é que a somma deve lembrar as qualidades das componentes, o que leva a adoptar-se a signal + (mais e menos) para expressão do valor da somma. Assim teremos :

$$(-A) + (+B) = -A + B = B + (-A) = +C.$$

Analysando os resultados a que chegamos, conclue-se uma regra geral para a addição de dois monomios, quer sejam da mesma *qualidade* quer de qualidades diferentes : —

Para se sommarem dois monomios, escrevem-se seguidamente com seus proprios signaes, ligados pelo signal de addição, os monomios dados,

Esta regra se applica naturalmente a um numero qualquer de monomios. Este modo de comprehender a addição, quer se trate de quantidades da mesma *natureza* ou *qualidade*, quer se trate de quantidades de *naturezas* diferentes, estabelece perfeita harmonia entre a addição algebraica e a addição arithmetica, no sentido de sempre trazer esta operação a idéa de augmento.

Nota. Empregamos de preferencia o termo *qualidade* ou *natureza* em lugar do termo *signal*, na expressão « quantidades da mesma ou de qualidades diversas » porque a expressão « quantidades de signaes contrarios » parece ainda lembrar a característica das quantidades negativas, que era uma subtracção subentendida.

6. Examinemos agora o caso da subtracção.

SUBTRACÇÃO

DEFINIÇÃO

Subtracção algebraica é a operação que tem por fim achar a differença entre duas quantidades ou expressões algebraicas dadas.

Supponhamos que temos de subtrahir a quantidade positiva + B da quantidade tambem positiva + A.

Nossa operação se representará assim :

$$(+A) - (+B) \quad (1)$$

por ser esta a maneira porque a algebra representa o intuito de da quantidade + A se subtrahir + B.

Pela convenção de que fizemos applicação ao caso da addição, poderemos ainda representar a operação pela forma :

$$A - B$$

Por considerações identicas ás que fizemos anteriormente, chegaremos á igualdade :

$$(+A) - (+B) = A - B$$

Chamemos *D* a quantidade que representa a differença que ha entre o valor de *A* e o valor de *B*. Como as quantidades dadas são positivas, é intuitivo que sua differença só poderá ser positiva, e portanto o signal de *D* é o signal que caracteriza as quantidades positivas.

Assim ainda poderemos escrever para ultima expressão de nossa operação o seguinte quadro algebrico.

$$(+A) - (+B) = A - B = +D$$

No caso de subtracção entre duas quantidades positivas, representada por :

$$A - B$$

só admittimos a hypothese de $B < A$, não só afim de que fiquemos dentro do problema da subtracção, como tambem por não admittirmos que haja sciencia capaz de ensinar os meios de se tirar de uma quantidade uma outra que lheseja superior em valor absoluto.

No caso da subtracção possivel a mathematica conduz a um resultado comprehensivel, dando-se o contrario no caso da subtracção impossivel.

De facto, seja $A = D + B$ ou $A > B$, na subtracção

$$A - B$$

Substituindo *A* por seu valor, temos :

$$D + B - B = D + 0 \quad \text{ou} \\ D = D$$

que nos diz que, effectuando-se uma subtracção possivel, chega-se ao resultado de que a quantidade positiva *D* é igual a uma outra quantidade positiva cujo valor é ainda *D*.

Suppondo agora que $B = A + D$ ou $B > A$ e effectuando a mesma substituição, tendo de antemão admittido que naquella hypothese chega-se ao negativo $-D$ como affirma a actual theoria, temos

$$A - (A + D) = A - A - D = -D \quad \text{ou} \\ 0 - D = -D$$

que nos diz que se effectuando uma subtracção impossivel chega-se ao resultado de se considerar uma quantidade negativa como sendo igual a uma differença entre zero e o valor absoluto dessa quantidade, resultado que até hoje tem sido entendido pelos modernos, mas que é verdadeiramente incomprehensivel. Não se comprehendendo tal resultado, se é forçado a não acceitar a hypothese de $B > A$ e limitar a subtracção ao caso do possivel, o que é na verdade uma consequencia natural da concepção de Descartes.

7. Abordemos agora o caso em que se pretende tirar de uma quantidade negativa $-A$ uma outra negativa $-B$.

Por considerações identicas ás expandidas anteriormente, a operação se indica assim :

$$(-A) - (-B) \quad (2)$$

Ter a differença entre duas quantidades negativas é o mesmo que ter uma quantidade cujo valor absoluto iguale á differença das quantidades dadas. Assim da expressão (2) poderemos passar para esta :

$$-(A - B)$$

porque esta indica uma quantidade negativa igual em valor absoluto á differença entre as quantidades negativas dadas, donde teremos :

$$(-A) - (-B) = -(A - B) \quad \text{ou ainda,}$$

$$(-A) - (-B) = -(A - B) = -D$$

representando por *D* o valor igual á differença entre os valores de *A* e *B*. (1)

Desta maneira concluímos que a differença entre duas quantidades negativas é uma quantidade negativa, como a differença entre duas positivas é uma positiva, sendo seu valor igual a differença de valores das quantidades dadas.

8. Como no caso de duas quantidades positivas, só admittimos a hypothese de $-B < -A$, no caso que nos occupa, não só para ficarmos de accordo com a verdadeiro objecto da subtracção, como ainda para não chegarmos a completar a tarefa mal acabada da actual theoria.

(1) Convem não esquecer que a expressão $-(A - B)$ não quer dizer $-A + B$ ou $B - A$, como vulgarmente se diz. Da expressão $-(A - B)$ só se póde passar para $-A + B$, por um absurdo do emprego do parenthesis. Somente quando se tem de subtrahir de uma quantidade uma differença indicada é que a suppressão do parenthesis corresponde á subtracção do minuendo e a addição do subtrahendo. Aqui não se trata de subtrahir differença indicada alguma, e apenas a expressão $-(A - B)$ significa uma quantidade negativa igual em valor á differença entre duas outras. Depois $-A + B$, já vimos, não tem um unico signal e $-(A - B)$ tem o sinal — que na verdade lhe compete.

Quem effectua uma subtracção impossivel e diz que os negativos dali provêm, não institue uma theoria completa. Tratemos de completal-a para melhor se aquilatar de sua racionalidade.

Supponhamos que na subtracção $(-A) - (-B)$, seja $-B > -A$.

Segundo o modo porque raciocinou Benjamin para o caso dos positivos, devemos dizer : como não se pode effectuar a subtracção no sentido indicado, se é naturalmente levado a inverter os termos da subtracção, tomando o subtrahendo $-B$ para minuendo e o minuendo $-A$ para subtrahendo. Suppondo $(-B) = (-A) + (-C)$ e effectuando a subtracção, $(-A)$ subtrahendo se reduz com $(-A)$ que é uma parte do minuendo $(-B)$ e resta a outra parte $-C$.

O signal deste resto devendo sempre indicar que os termos da subtracção foram tomados em sentido contrario, deve ter o signal contrario ao signal — que tem e vir portanto affecto do signal +, o que nos dá para verdadeiro resto + C; isto é, a actual theoria se define pelas proposições seguintes :

1º *Todo numero negativo provêm da subtracção impossivel entre dois numeros positivos.*

2º *Todo numero positivo provêm da subtracção impossivel entre dois numeros negativos.*

A theoria bem estudada não pode ser mais absurda, e por isso limitamos a subtracção aos casos de possibilidde, quer se trate de positivos, quer se trate de negativos.

9. Todos os autores mathematicos apresentam os dois casos de subtracção seguintes :

1º Differença entre uma quantidade positiva e outra negativa, ou

$$(+A) - (-B);$$

2º Differença entre uma quantidade negativa e outra positiva, ou

$$(-A) - (+B);$$

e procuram a expressão que deve corresponder respectivamente a cada um destes casos.

E' assim que tomando o primeiro caso acham que,

$$(+A) - (-B) = +A + B$$

ou applicando a convenção que diz que subtrahir $-b$ significa ajuntar b , como faz Bertrand e outros, ou pela conclusão decorrente de uma analyse falsa do caso de subtracção seguinte :

$$M - (P - R) = M - P + R$$

em que se commentte o erro de dizer que *R* (que é o subtrahendo na differença indicada $(P - R)$) é um numero negativo, erro que significa que se admite ser $(P - R) = P + (-R)$, e que equivale a se acceitar ainda a primeira convenção de M. Bertrand.

Estes recursos extravagantes, que apenas visam chegar a um resultado intelligivel, como é $+A + B$, partindo-se do caso de subtracção que nos occupa, bem mostram que

$$(+A) - (-B)$$

é uma coisa que não se comprehende.

Tomando o segundo caso da subtracção entre quantidades de *naturezas* diversas acham que

$$(-A) - (+B) = -A - B$$

empregando, aliás, um raciocinio acertado, mas analysando-se bem este resultado, vê-se que elle encerra alguma coisa que concorre para que se o não acceite.

Como as quantidades positivas e negativas só differem pela *qualidade* que as caracteriza, conclue-se que se tirando da quantidade positiva + A a quantidade negativa $-B$ chega-se a um resultado *C* que em valor absoluto é naturalmente menor do o valor absoluto de + A; da mesma maneira, se tirando da quantidade negativa $-A$ a quantidade positiva + B chega-se ao resultado *C* que em valor absoluto é menor que $-A$.

E' isso, além de tudo, uma verdade reconhecida pela actual theoria das quantidades

negativas, quando se diz que «a comparação das grandezas se reduz sempre á de seus valores numericos; os signaes + e - nem uma influencia exercem sobre ella, quer se a considere em relação á sua significação abstracta, quer em relação a sua interpretação concreta.» (1)

Os dois casos de subtracção acima referidos se reduzem, pois, á subtracção entre os valores absolutos das quantidades consideradas, e no entanto, temos para resultado do primeiro caso a expressão

$$+ A + B$$

que evidentemente é maior do que $+ A$, ao passo que o resultado do segundo caso foi

$$- A - B$$

que evidentemente é menor do que $- A$, pois significa que esta quantidade está reduzida de B .

Isto nos mostra a impropriedade da suposição da existencia dos dois casos de subtracção a que nos referimos, porque verdadeiramente não se comprehende o que seja subtrahir uma quantidade positiva de uma negativa, como não se concebe o que seja subtrahir uma quantidade negativa de outra positiva. A subtracção presuppõe a addição e verdadeiramente só pode haver subtracção tendo havido antes uma addição, o que limita o problema da subtracção aos dois casos de existencia ou entre quantidades positivas, ou entre quantidades negativas, porque sendo esta operação a traducção logica do que temos chamado sentido contrario, é evidente que só pode haver decomposição tendo ja havido uma composição; isto é, para que uma quantidade decresça é preciso que ella tivesse sido gerada previamente.

No caso de

$$(+ A) - (- B)$$

em que se quer que o minuendo, ou a base $+ A$ decresça da quantidade $- B$, não pode haver decomposição alguma marcada pelo valor de $- B$, porque não houve previamente uma composição no sentido dos negativos, que deveria ser marcada pelo valor da quantidade negativa $- A$.

Da mesma maneira, no caso de

$$(- A) - (+ B)$$

em que se quer que a base $- A$ decresça da quantidade marcada pelo valor de $+ B$, não pode haver decomposição alguma marcada pelo valor de $+ B$, porque não houve antes uma composição no sentido dos positivos, que deveria ser marcada pelo valor da quantidade positiva $+ A$.

A subtracção entre duas quantidades positivas é um phenomeno que se comprehende, por que se reduz a tirar do minuendo positivo uma parte que elle encerra, isto é, uma quantidade positiva igual em valor ao subtrahendo positivo; da mesma maneira é comprehensivel o caso da subtracção entre duas quantidades negativas, que se reduz a se tirar do minuendo negativo uma parte que elle encerra, isto é, uma quantidade negativa marcada pelo valor do subtrahendo negativo.

No caso, porém, da subtracção entre quantidades de *qualidades* diferentes, não se pode mais comprehender esta operação, poque suppondo que de $+ A$ se tenha de subtrahir $- B$, a operação se reduz a tirar do minuendo positivo $+ A$ uma parte negativa igual em valor absoluto a $- B$, que evidentemente o minuendo não encerra.

O mesmo se deve dizer quanto ao caso em que se trate de $- A$ subtrahir $+ B$.

10. Si se levar em conta a alta subordinação do abstracto ao concreto, é facil de reconhecer que, não se deve esperar na traducção abstracta de um phenomeno geometrico ou mecanico, por mais lata que seja a accepção em que tomarmos estes termos, que os seus elementos appareçam ligados pela relação expressa por uma subtracção entre uma quantidade positiva e uma negativa, ou vice-versa, e isto pelo caracter de continuidade que preside ás questões de que se occupa a sciencia mathematica.

O que se pode dar, e é o que sempre se tem dado, é que, na traducção abstracta de um phenomeno qualquer, se tenha de considerar uma expressão algebraica que marque a subtracção entre uma quantidade positiva ou negativa e uma differença indicada, differença que será sempre da mesma *natureza* da quantidade antes considerada. Ainda guiadas pela arithmetica procederemos ás transformações convenientes.

O espirito do calculo diz claramente que se póde ser levado a subtracção de uma quantidade negativa, na traducção de um phenomeno, si de antemão a questão deo lugar a uma quantidade negativa que sirva de base á subtracção, o que evidentemente faz recair no caso da subtracção entre quantidades negativas, que é na verdade uma operação possivel.

Mesmo á titulo de simples transformação, o que resulta das idéas que vamos expandindo é que si se quizesse, por exemplo, passar de um dos membros de uma igualdade para uma quantidade negativa que estivesse sommada ou subtrahida, só se poderia fazelo com proveito, si no outro membro ja houvesse uma quantidade negativa sommada ou subtrahida, o que recáe seguramente em um dos casos da subtracção ou da addição entre taes quantidade, unicos que podem aconselhar a passagem de uma quantidade de um termo para outro, com o fim de uma redução.

Vê-se, pois, que de qualquer maneira, a sciencia não comporta os dois casos de subtracção entre quantidades de *naturezas* diferentes, pelo que as retiramos deste pequeno trabalho.

TERTULIANO BARRETO,

1º Tenente de Artilharia

(Continúa)

ESCOLA DE BELLAS-ARTES

Na athmosphera de indifferença e hostilidade que envolve a arte nacional, é curioso observar como nascem e se desenvolvem os artistas, luctando com deficiencias de caracter primordial e a opposição do meio completamente infenso a manifestações desse caracter.

A exposição dos alumnos de Bellas-Artes, sem ser uma mostra para divertir o publico e attrahir grande concorrência, é interessante sob diversos pontos de vista.

A secção de pintura, principalmente, em que dois mestres, os srs. Prof. Amoêdo e H. Bernardelli apresentam seus discipulos, merece especial attenção pelos methodos technicos empregados pelos alumnos na interpretação

dos differentes assumptos que lhes fôram dados para estudo.

Na galeria, destacam-se, fortemente, os alumnos de um e outro mestre, pois, não obstante alguns dos expositores serem já artistas, não fazem mais que reflectir a maneira de seus respectivos professores.

Percebe-se immediatamente entre os alumnos do sr. H. Bernardelli, o modo de encarar a technica como um meio de alcançar um fim, abandonando *vistuosismos* de pincel e visando sómente effeitos da verdade.

O sr. Lucilio de Albuquerque, seu primeiro discipulo, expõe trabalhos affirmadores de um talento de bella envergadura. Já se salientou em diversos *Salões*, onde é acarinhado pelos *connoisseurs* que o acompanham interessadamente.

«Pygmalião», seu trabalho de concurso final, julgado pela commissão tão justamente digno da medalha de ouro, é devéras notavel pelas qualidades technicas, composição plastica e sentimento artistico. Ha ainda uma cabeça de mendigo, em que a caracterisação da expressão é tão completa que mais do que um estudo, é um quadro, concorrendo tambem para este effeito a solidez da factura e a comprehensão da fôrma.

Os srs. Bevilacqua, França e Arthur Timotheo acompanham o seu collega, fazendo bôa figura.

Ha ainda as sras. Julietta Ribeiro, Georgina Andrade, os srs. Alvarenga, Manna; (não lhes importe o nome) etc, que nos fazem esperar larga mêsse de artistas em futuro pouco remoto.

Da aula do sr. Amoêdo, o sr. Rod. Chambelland é o discipulo que mais se caracteriza e que assimilando facilmente a technica do mestre, dezenha e modéla com talento, conseguindo ter maneira propria na interpretação da fôrma e da côr. Os srs. Puga Garcia, Timotheo da Costa e C. Chambelland mostram-se excellentes como coloristas, e, em busca incisiva, fazem cantar os tons claros ou fanados com uma infinita variedade de meios harmonicamente postos em pratica.

Em esculptura, o sr. Cunha e Mello, com um anno de trabalho conseguiu resultado, o que é prova de um talento plastico modelar.

A sra. Julietta de França mandanos um grupo — «le songe de l'enfant prodigue» — em que pretende acompanhar a Prodin, seu mestre, na interpretação das immutaveis leis da esthetica. Esse grupo figurou no *Salon*, de Pariz.

Nas outras secções, nada ou quasi nada ha do que falar, sendo lastimavel o abandono das aulas de architectura e gravura.

(1) Vide B. Constant, pag. 23.